COLEÇÃO A OBRA-PRIMA DE CADA AUTOR

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll

TEXTO INTEGRAL

MARTIN CLARET

Livro: Instrumento de Liberdade e Poder

Vimos, neste espaço, com muito orgulho literário, apresentar a coleção **A Obra-prima de cada Autor**, um ambicioso projeto editorial idealizado e realizado pelo editor Martin Claret.

Pelas nossas pesquisas de campo constatamos que, apesar de crises e turbulências econômicas, o brasileiro atualmente está lendo mais.

Começamos a compreender que conhecimento é liberdade e poder: mais e mais as pessoas estão buscando informações de todos os tipos. Nesse contexto, o livro, em seus vários formatos, cada vez mais reforça sua verdadeira função — informar e transformar.

O presente projeto foi construído sobre estatísticas e potencialidades. Quantitativamente a proposta é de 400 títulos de autores clássicos, nacionais e estrangeiros nos campos da ficção e não-ficção,

abrangendo todas as áreas do conhecimento humano.

O critério de seleção dos títulos foi o já estabelecido pela tradição e pela crítica especializada. Em formato de bolso, com periodicidade mensal, com alta qualidade gráfica, e a preços acessíveis, esta série de livros vem preencher uma lacuna editorial: livros clássicos e de leitura obrigatória, muitos adotados em universidades, que estavam (a maioria), ausentes de nossas livrarias e pontos alternativos de venda.

Nossa missão é oferecer aos leitores brasileiros uma alternativa de leitura — altamente qualificada e de fácil acesso.

A coleção está aberta a sugestões de títulos e quaisquer outros tipos de sugestões para aperfeiçoar nosso trabalho editorial.

Revolucione-se culturalmente: leia mais para ser mais!

Alice no País das Maravilhas

Lewis Carroll

TEXTO INTEGRAL

Tradução:
Márcia Feriotti Meira

Ilustrações originais:
John Tenniel

EDITORA AFILIADA

Os Objetivos, a Filosofia e a Missão da Editora Martin Claret

O principal Objetivo da MARTIN CLARET é continuar a desenvolver uma grande e poderosa empresa editorial brasileira, para melhor servir a seus leitores.

A Filosofia de trabalho da MARTIN CLARET consiste em criar, inovar, produzir e distribuir, sinergicamente, livros da melhor qualidade editorial e gráfica, para o maior número de leitores e por um preço economicamente acessível.

A Missão da MARTIN CLARET é conscientizar e motivar as pessoas a desenvolver e utilizar o seu pleno potencial espiritual, mental, emocional e social.

A MARTIN CLARET está empenhada em contribuir para a difusão da educação e da cultura, por meio da democratização do livro, usando todos os canais ortodoxos e heterodoxos de comercialização.

A MARTIN CLARET, em sua missão empresarial, acredita na verdadeira função do livro: o livro muda as pessoas.

A MARTIN CLARET, em sua vocação educacional, deseja, por meio do livro, claretizar, otimizar e iluminar a vida das pessoas.

Revolucione-se: leia mais para ser mais!

COLEÇÃO A OBRA-PRIMA DE CADA AUTOR

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll

TEXTO INTEGRAL

MARTIN CLARET

CRÉDITOS

Título original em inglês: *Alice in Wonderland* (1866)
Tradução da edição de 1999 da Nord-Süd Verlag, Zurique

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO
Martin Claret

ASSISTENTE EDITORIAL
Rosana Gilioli Citino

CAPA
Ilustração
Marcellin Talbot

MIOLO
Revisão
Andressa Bezerra da Silva
Marcos Ribeiro da Silva

Tradução
Márcia Feriotti Meira

Ilustração
John Tenniel

Projeto Gráfico
José Duarte T. de Castro

Direção de Arte
José Duarte T. de Castro

Digitação
Graziella Gatti Leonardo

Editoração Eletrônica
Editora Martin Claret

Fotolitos da Capa
OESP

Papel
Off-Set, 70g/m²

Impressão e Acabamento
Paulus Gráfica

Editora Martin Claret Ltda. – Rua Alegrete, 62 – Bairro Sumaré
CEP: 01254-010 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3672-8144 – Fax: (0xx11) 3673-7146

www.martinclaret.com.br / editorial@martinclaret.com.br

Agradecemos a todos os nossos amigos e colaboradores — pessoas físicas e jurídicas — que deram as condições para que fosse possível a publicação deste livro.

2ª REIMPRESSÃO - 2009

A história do livro e a coleção "A Obra-Prima de Cada Autor"

MARTIN CLARET

Que é o livro? Para fins estatísticos, na década de 1960, a UNESCO considerou o livro "uma publicação impressa, não periódica, que consta de no mínimo 56 páginas, sem contar as capas".

O livro é um produto industrial.

Mas também é mais do que um simples produto. O primeiro conceito que deveríamos reter é o de que o livro como objeto é o veículo, o suporte de uma informação. O livro é uma das mais revolucionárias invenções do homem.

A *Enciclopédia Abril* (1972), publicada pelo editor e empresário Victor Civita, no verbete "livro" traz concisas e importantes informações sobre a história do livro. A seguir, transcrevemos alguns tópicos desse estudo didático sobre o livro.

O livro na Antiguidade

Antes mesmo que o homem pensasse em utilizar determinados materiais para escrever (como, por exemplo, fibras vegetais e tecidos), as bibliotecas da Antiguidade estavam repletas de textos gravados em tabuinhas de barro cozido. Eram os primeiros "livros", depois progressivamente modificados até chegarem a ser feitos — em grandes tiragens — em papel impresso mecanicamente, proporcionando facilidade de leitura e transporte. Com eles, tornou-se possível, em todas as épocas, transmitir fatos, acontecimentos históricos, descobertas, tratados, códigos ou apenas entretenimento.

Como sua fabricação, a função do livro sofreu enormes modifi-

cações dentro das mais diversas sociedades, a ponto de constituir uma mercadoria especial, com técnica, intenção e utilização determinadas. No moderno movimento editorial das chamadas sociedades de consumo, o livro pode ser considerado uma mercadoria cultural, com maior ou menor significado no contexto socioeconômico em que é publicado. Enquanto mercadoria, pode ser comprado, vendido ou trocado. Isso não ocorre, porém, com sua função intrínseca, insubstituível: pode-se dizer que o livro é essencialmente um instrumento cultural de difusão de idéias, transmissão de conceitos, documentação (inclusive fotográfica e iconográfica), entretenimento ou ainda de condensação e acumulação do conhecimento. A palavra escrita venceu o tempo, e o livro conquistou o espaço. Teoricamente, toda a humanidade pode ser atingida por textos que difundem idéias que vão de Sócrates e Horácio a Sartre e McLuhan, de Adolf Hitler a Karl Marx.

Espelho da sociedade

A história do livro confunde-se, em muitos aspectos, com a história da humanidade. Sempre que escolhem frases e temas, e transmitem idéias e conceitos, os escritores estão elegendo o que consideram significativo no momento histórico e cultural que vivem. E, assim, fornecem dados para a análise de sua sociedade. O conteúdo de um livro — aceito, discutido ou refutado socialmente — integra a estrutura intelectual dos grupos sociais.

Nos primeiros tempos, o escritor geralmente vivia em contato direto com seu público, que era formado por uns poucos letrados, já cientes das opiniões, idéias, imaginação e teses do autor, pela própria convivência que tinham com ele. Muitas vezes, mesmo antes de ser redigido o texto, as idéias nele contidas já haviam sido intensamente discutidas pelo escritor e parte de seus leitores. Nessa época, como em várias outras, não se pensava na enorme porcentagem de analfabetos. Até o século XV, o livro servia exclusivamente a uma pequena minoria de sábios e estudiosos que constituíam os círculos intelectuais (confinados aos mosteiros durante o começo da Idade Média) e que tinham acesso às bibliotecas, cheias de manuscritos ricamente ilustrados.

Com o reflorescimento comercial europeu, nos fins do século XIV, burgueses e comerciantes passaram a integrar o mercado livreiro

da época. A erudição laicizou-se e o número de escritores aumentou, surgindo também as primeiras obras escritas em línguas que não o latim e o grego (reservadas aos textos clássicos e aos assuntos considerados dignos de atenção). Nos séculos XVI e XVII, surgiram diversas literaturas nacionais, demonstrando, além do florescimento intelectual da época, que a população letrada dos países europeus estava mais capacitada a adquirir obras escritas.

Cultura e comércio

Com o desenvolvimento do sistema de impressão de Gutenberg, a Europa conseguiu dinamizar a fabricação de livros, imprimindo, em cinqüenta anos, cerca de 20 milhões de exemplares para uma população de quase 10 milhões de habitantes, cuja maioria era analfabeta. Para a época, isso significou enorme revolução, demonstrando que a imprensa só se tornou uma realidade diante da necessidade social de ler mais.

Impressos em papel, feitos em cadernos costurados e posteriormente encapados, os livros tornaram-se empreendimento cultural e comercial: os editores passaram logo a se preocupar com melhor apresentação e redução de preços. Tudo isso levou à comercialização do livro. E os livreiros baseavam-se no gosto do público para imprimir, principalmente obras religiosas, novelas, coleções de anedotas, manuais técnicos e receitas.

Mas a porcentagem de leitores não cresceu na mesma proporção que a expansão demográfica mundial. Somente com as modificações socioculturais e econômicas do século XIX — quando o livro começou a ser utilizado também como meio de divulgação dessas modificações e o conhecimento passou a significar uma conquista para o homem, que, segundo se acreditava, poderia ascender socialmente se lesse — houve um relativo aumento no número de leitores, sobretudo na França e na Inglaterra, onde alguns editores passaram a produzir obras completas de autores famosos, a preços baixos. O livro era então interpretado como símbolo de liberdade, conseguida por conquistas culturais. Entretanto, na maioria dos países, não houve nenhuma grande modificação nos índices porcentuais até o fim da Primeira Guerra Mundial (1914/18), quando surgiram as primeiras grandes tiragens de um só livro, principalmente romances, novelas e textos didáticos. O número elevado de

cópias, além de baratear o preço da unidade, difundiu ainda mais a literatura. Mesmo assim, a maior parte da população de muitos países continuou distanciada, em parte porque o livro, em si, tinha sido durante muitos séculos considerado objeto raro, atingível somente por um pequeno número de eruditos. A grande massa da população mostrou maior receptividade aos jornais, periódicos e folhetins, mais dinâmicos e atualizados, e acessíveis ao poder aquisitivo da grande maioria. Mas isso não chegou a ameaçar o livro como símbolo cultural de difusão de idéias, como fariam, mais tarde, o rádio, o cinema e a televisão.

O advento das técnicas eletrônicas, o aperfeiçoamento dos métodos fotográficos e a pesquisa de materiais praticamente imperecíveis fazem alguns teóricos da comunicação de massa pensarem em um futuro sem os livros tradicionais (com seu formato quadrado ou retangular, composto de folhas de papel, unidas umas às outras por um dos lados). Seu conteúdo e suas mensagens (racionais ou emocionais) seriam transmitidos por outros meios, como por exemplo microfilmes e fitas gravadas.

A televisão transformaria o mundo todo em uma grande "aldeia" (como afirmou Marshall McLuhan), no momento em que todas as sociedades decretassem sua prioridade em relação aos textos escritos. Mas a palavra escrita dificilmente deixaria de ser considerada uma das mais importantes heranças culturais, entre todos os povos.

Através de toda a sua evolução, o livro sempre pôde ser visto como objeto cultural (manuseável, com forma entendida e interpretada em função de valores plásticos) e símbolo cultural (dotado de conteúdo, entendido e interpretado em função de valores semânticos). As duas maneiras podem fundir-se no pensamento coletivo, como um conjunto orgânico (onde texto e arte se completam, como, por exemplo, em um livro de arte) ou apenas como um conjunto textual (onde a mensagem escrita vem em primeiro lugar — em um livro de matemática, por exemplo).

A mensagem (racional, prática ou emocional) de um livro é sempre intelectual e pode ser revivida a cada momento. O conteúdo estático em si dinamiza-se em função da assimilação das palavras pelo leitor, que pode discuti-las, reafirmá-las, negá-las ou transformá-las. Por isso, o livro pode ser considerado instrumento cultural capaz de libertar informação, sons, imagens, sentimentos e idéias através do tempo e do espaço. A quantidade e a qualidade de

idéias colocadas em um texto podem ser aceitas por uma sociedade, ou por ela negadas, quando entram em choque com conceitos ou normas culturalmente admitidos.

Nas sociedades modernas, em que a classe média tende a considerar o livro como sinal de *status* e cultura (erudição), os compradores utilizam-no como símbolo mesmo, desvirtuando suas funções ao transformá-lo em livro-objeto. Mas o livro é, antes de tudo, funcional — seu conteúdo é que lhe dá valor (como os livros de ciências, filosofia, religião, artes, história e geografia, que representam cerca de 75% dos títulos publicados anualmente em todo o mundo).

O mundo lê mais

No século XX, o consumo e a produção de livros aumentaram progressivamente. Lançado logo após a Segunda Guerra Mundial (1939/45), quando uma das características principais da edição de um livro eram as capas entreteladas ou cartonadas, o livro de bolso constituiu um grande êxito comercial. As obras — sobretudo *best sellers* publicados algum tempo antes em edições de luxo — passaram a ser impressas em rotativas, como as revistas, e distribuídas nas bancas de jornal. Como as tiragens elevadas permitiam preços muito baixos, essas edições de bolso popularizaram-se e ganharam importância em todo o mundo.

Até 1950, existiam somente livros de bolso destinados a pessoas de baixo poder aquisitivo; a partir de 1955, desenvolveu-se a categoria do livro de bolso "de luxo". As características principais destes últimos eram a abundância de coleções — em 1964 havia mais de duzentas, nos Estados Unidos — e a variedade de títulos, endereçados a um público intelectualmente mais refinado. A essa diversificação das categorias adiciona-se a dos pontos-de-venda, que passaram a abranger, além das bancas de jornal, farmácias, lojas, livrarias, etc. Assim, nos Estados Unidos, o número de títulos publicados em edições de bolso chegou a 35 mil em 1969, representando quase 35% do total dos títulos editados.

Proposta da coleção "A Obra-Prima de Cada Autor"

"Coleção" é uma palavra há muito tempo dicionarizada e d... o conjunto ou reunião de objetos da mesma natureza ou que... alguma relação entre si. Em um sentido editorial, significa o con... não-limitado de obras de autores diversos, publicado por uma m... ma editora, sob um título geral indicativo de assunto ou área ... atendimento de segmentos definidos do mercado.

A coleção "A Obra-Prima de Cada Autor" corresponde plenam... te à definição acima mencionada. Nosso principal objetivo é... recer, em formato de bolso, a obra mais importante de cada au... satisfazendo o leitor que procura qualidade.*

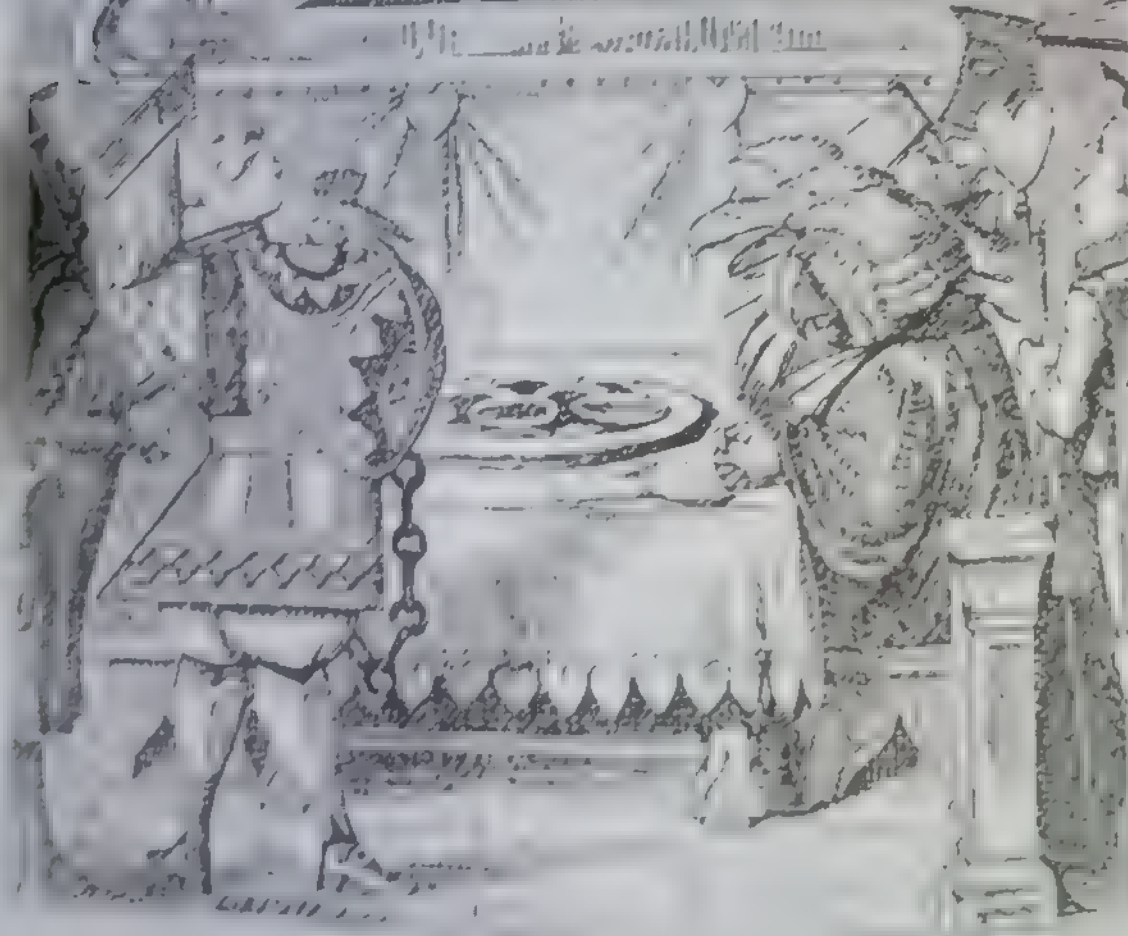
Desde os tempos mais remotos existiram coleções de livros. ... Nínive, em Pérgamo e na Anatólia existiam coleções de obras lite... rias de grande importância cultural. Mas nenhuma delas super... célebre biblioteca de Alexandria, incendiada em 48 a.C. pe... legiões de Júlio César, quando estas arrasaram a cidade.

A coleção "A Obra-Prima de Cada Autor" é uma série de livr... a ser composta por mais de 400 volumes, em formato de bolso, c... preço altamente competitivo, e pode ser encontrada em centenas... pontos-de-venda. O critério de seleção dos títulos foi o já estabe... cido pela tradição e pela crítica especializada. Em sua maioria, ... obras de ficção e filosofia, embora possa haver textos sobre ... poesia, política, psicologia e obras de auto-ajuda. Inauguram a c... ção quatro textos clássicos: *Dom Casmurro*, de Machado de As... *O Príncipe*, de Maquiavel; *Mensagem*, de Fernando Pessoa e *O Lo... do Mar*, de Jack London.

Nossa proposta é fazer uma coleção quantitativamente aberta... periodicidade é mensal. Editorialmente, sentimo-nos orgulhosos ... poder oferecer a coleção "A Obra-Prima de Cada Autor" aos leitores brasileiros. Nós acreditamos na função do livro

---

* Atendendo a sugestões de leitores, livreiros e professores, a partir de certo número da coleção começamos a publicar, de alguns autores, outras obras além da sua obra-prima.

Alice no País das Maravilhas

Naquele entardecer dourado[1]
O rio descemos
No barco desequilibrado,
Vão frouxos os remos.
A ternura é de mais... mas cuidado:
A direção é de menos.

Ah! Três cruéis, naquela hora
De sonho que envolvia,
Querendo um conto, mesmo embora
Lhe faltasse magia.
Perante a criança que implora,
O que Homero faria?

---

[1] Estes versos relembram a "tarde dourada" de 1862, quando Carroll e seu amigo reverendo Robinson Duckworth levaram as três encantadoras irmãs Liddell para uma excursão em um barco a remo no rio Tâmisa. "Prima" era a irmã mais velha, Lorina Charlotte, de 13 anos. Alice Pleasance, de 10, era "Secunda", e a irmã mais nova, Edith, de 8 anos, era "Tertia". Carroll tinha então 30 anos. O passeio começou em Folly Bridge, perto de Oxford, e terminou na aldeia de Godstow. (Conforme registrou o próprio Carroll: "Tomamos chá às margens do rio e só regressamos à Christ Church um quarto depois das 8, quando as levamos até os meus aposentos para ver minha coleção de microfotografias, e as devolvemos à residência do deão pouco antes das 9". Após sete meses ele acrescentou a esse registro a seguinte nota: "Ocasião em que contei a elas o conto de fadas das aventuras subterrâneas de Alice...") (N. do E.)

Imperiosa, manda a Prima:
"Vamos logo, começa!"
Mais gentil Secunda opina:
"Sê sem pé nem cabeça!"
Tertia e menos repentina
Mas se mete na peça.

Atentas, então, silenciosas
Ouvem, com delícia,
As aventuras maravilhosas
Da menina fictícia
Que fala com bichos ou rosas,
Dando trela à notícia.

E quando, da imaginação,
Chegava o poço ao fim
Pressentindo minha intenção
De protelar o festim,
"Agora mais, mais tarde não!",
Bradavam para mim.

E assim nossa história crescia
Como cresce uma família:
Um conto do outro surgia
No país da maravilha.
"Para casa!", que o sol já descia,
P'ra casa aponta a quilha.

Alice, que a fábula conte
Teu roteiro gigante
Como um sonho, ou o horizonte
Registrado no instante.
Que seja coroada tua fronte
Numa terra distante.

CAPÍTULO 1

Pela toca do Coelho

Alice estava começando a se cansar de ficar sentada ao lado de sua irmã, sem nada para fazer, à beira do riacho. Por uma ou duas vezes tinha dado uma olhadela no livro que sua irmã estava lendo, mas ali não havia gravuras nem conversas. Então, Alice pensou consigo mesma:

— E para que serve um livro sem gravuras nem conversas?

Dessa forma, estava pensando (da maneira como podia, porque o dia estava tão quente que ela se sentia meio sonolenta e burra), e tentando se decidir se o prazer de fazer uma coroa de margaridas valeria o sacrifício de ter de ir apanhá-las, quando, de repente, um Coelho Branco, de olhos cor-de-rosa passou correndo diante dela.

Não havia nada de extraordinário nisso; nem Alice achou assim *tão* estranho ouvir o Coelho dizer para si mesmo:

— Ai, ai, ai! Eu vou chegar atrasado!

Quando ela se lembrou disso mais tarde, achou que deveria ter

— Quantos quilômetros devo ter caído até agora? — perguntou, em voz alta. — Acho que já estou chegando perto do centro da terra. Deixe-me ver: isso seria uns seis mil quilômetros de profundidade, eu acho... — (porque, como você pode perceber, Alice já tinha aprendido muitas lições desse tipo na escola, e embora esta não fosse uma oportunidade muito boa para exibir seus conhecimentos, até porque não tinha ninguém para escutá-la, pelo menos era um bom exercício de memória) — é... deve ser isso mesmo, mas a que latitude e a que longitude será que cheguei? (Alice não tinha a menor ideia do que fosse latitude, nem longitude, mas lhe pareceram palavras muito apropriadas para se dizer naquele momento.)

E prosseguiu, dizendo:

— Será que vou sair do outro lado da Terra? Como seria divertido aparecer do outro lado, onde as pessoas andam de cabeça para baixo! Os *Antídopas*, eu acho que é esse o nome... — (e dessa vez, ficou bem feliz que ninguém a tivesse escutado, porque essa não parecia ser a palavra correta) — mas de qualquer maneira, vou ter de perguntar a eles qual é o nome desse país. Por favor, senhora, saberia me dizer se aqui é a Nova Zelândia ou a Austrália?

E tentou fazer um gesto de cortesia enquanto falava. Imagine, *fazer cortesia* enquanto se despenca pelo ar! Você acha que ela ia conseguir?

— E que menina mais ignorante ela vai pensar que sou por perguntar uma coisa dessas! Não, é melhor eu não perguntar nada. Talvez eu veja o nome escrito em algum lugar.

Caindo, caindo, caindo. Como não tinha mais nada para fazer, Alice começou a falar de novo:

— Acho que Dinah vai sentir minha falta hoje à noite...

Dinah era a gatinha dela.

— Espero que lembrem de dar a ela um pires de leite na hora do chá. Ah, Dinah, minha querida! [illegible] você estivesse aqui comigo! Sabe, não existem ratos no ar, mas você poderia pegar um morcego, que é muito parecido com rato. Mas será que gatos comem morcegos?

A essa altura, Alice começou a ficar com muito so
começou a dizer coisas, como se estivesse sonhando,
— Será que gatos comem morcegos? Será que gat
mem morcegos?
E às vezes:
— Será que morcegos comem gatos?
E como não conseguia responder a nenhuma dessas
guntas, a maneira como as fazia não tinha lá grande impo
cia. Ela percebeu que estava cochilando, e estava justam
começando a sonhar que caminhava de mãos dadas com D
e que perguntava a ela, muito compenetrada, se ela já
comido morcegos quando, de repente, plaft!, plaft!, caiu em
de um monte de gravetos e folhas secas, e a queda termi

Alice não se machucou nem um pouquinho, e levant
num instante. Olhou para cima e estava tudo escuro; mas
dela abria-se uma longa passagem, através da qual ainda
para ver o Coelho Branco correndo, apressado. Não h
nem um segundo a perder: Alice saiu em disparada, ráp
como o vento, e chegou bem a tempo de ouvi-lo dizer, enqu
to ele dobrava a esquina:

— Por minhas orelhas e bigodes, está ficando muito tar

Alice estava bem atrás dele, mas quando ela virou a esqu
nem sinal do Coelho. Foi então que se viu num salão compr
e de teto baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas pe
duradas no teto.

Havia muitas portas ao redor do salão inteiro, mas estavam
todas trancadas. Depois de ter percorrido todo o salão, tent
abrir cada uma das portas, caminhou desolada até o cen
pensando como é que iria sair dali.

De repente, deparou com uma mesinha de três pernas
toda feita de vidro maciço. Não havia nada em cima del
não ser uma pequenina chave de ouro. Alice logo pensou
talvez ela abrisse uma das portas do salão, mas, infelizme
ou as fechaduras eram todas muito grandes, ou a chave
era muito pequena, porque não servia para abrir nenhuma de
No entanto, ao dar uma segunda volta pelo salão, Alice

Sabe, é que havia acontecido tanta coisa diferente ultimamente, que Alice já começava a pensar que pouquíssimas coisas eram realmente impossíveis.

Bom, ficar ali parada diante da pequena porta não adiantava nada, então ela voltou para perto da mesa, meio na esperança de encontrar uma outra chave sobre ela, ou pelo menos, um manual de instruções para encolher pessoas como telescópios. Mas dessa vez ela achou uma garrafinha ("que com certeza não estava aqui antes", pensou) com uma etiqueta de papel amarrada no gargalo, e as palavras "Beba-me" impressas em letras grandes e vistosas.

Parece muito fácil dizer "beba-me", mas acontece que Alice era muito esperta e não ia fazer aquilo, assim, precipitadamente.

— Primeiro tenho que verificar direitinho — disse — para ver se está escrito *veneno* ou não.

É que ela já havia lido muitas histórias sobre crianças que se queimaram, foram devoradas por animais selvagens, ou outras coisas meio desagradáveis, tudo porque elas não se lembraram de regras simples que tinham aprendido — que um ferro atiçador de brasa, por exemplo, usado para acender lareira, pode queimar sua mão se você segurar por muito tempo, e que se você cortar o dedo com uma faca, pode sair sangue, coisas desse tipo. E ela nunca iria esquecer de que, se você beber algo que esteja dentro de uma garrafa com um rótulo escrito *veneno*, é quase certo que, mais cedo ou mais tarde, você terá problemas.

No entanto, nesta garrafa não estava escrito *veneno*, então, Alice se arriscou a provar. Como gostou muito (na verdade tinha um sabor agradável de uma mistura de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, caramelo e torrada quente com manteiga derretida), logo bebeu até a última gota.

— Que sensação estranha! — exclamou Alice. — Parece que estou encolhendo como um telescópio!

E estava mesmo. Agora ela já estava apenas com um palmo de altura e seu rosto se iluminou com a idéia de que já estava no tamanho ideal para passar pela portinha e ir até o lindo jardim. Mas antes esperou alguns minutos para ver se não ia mesmo encolher mais, e essa idéia a deixou um pouco nervosa, porque, raciocinou:

— Se continuar diminuindo desse jeito, poderei acabar sumindo de vez, como uma vela que vai se consumindo até o fim. Nesse caso, o que aconteceria comigo?

E ficou imaginando o que acontecia com a chama de uma vela depois que se apaga, e não conseguia se lembrar de já ter visto algo assim.

Pouco depois, vendo que nada mais acontecera, decidiu ir logo para o jardim. Mas, pobre Alice! Quando chegou perto da pequena porta, percebeu que tinha esquecido a chavinha de ouro. E quando retornou à mesa para pegá-la, descobriu que não podia mais alcançá-la. Dava para vê-la perfeitamente através do vidro. A menina, então, deu o melhor de si na tentativa de resgatar a chavinha. Tentou subir por uma das pernas da mesa, mas era muito escorregadia. E quando ela já estava muito cansada de tanto tentar, a coitadinha sentou-se no chão e começou a chorar.

— Ora, não adianta nada chorar desse jeito! — repreendeu-se Alice a si mesma, um tanto brusca. — É melhor parar com isso agora mesmo!

Ela normalmente dava bons conselhos a si mesma (embora raramente os seguisse), e às vezes se repreendia tão severamente, que ficava com os olhos cheios de lágrimas. Certa vez

ela se lembrava muito bem) tentou puxar as próp...
... por ter trapaceado num jogo de *croquet* que ...
... contra si mesma, porque era o tipo de criança ...
... de brincar de ser duas pessoas.

— Mas agora não adianta nada fingir ser duas pessoas ... — Porque restou muito pouco de mim para ... pessoa apresentável!

Mas logo seus olhos se depararam com uma caixinha ... que estava debaixo da mesa. Ela abriu a caixinha ... um bolo bem pequenininho, com as palavras "Coma-me" escritas com passas.

— Vou comer! — decidiu. — Se eu crescer, poderei alcançar a chave. Se diminuir, poderei passar por debaixo da porta. ... de qualquer modo, conseguirei entrar no jardim. Para mim tanto faz...

Ela deu uma mordidinha no bolo, e ficou se perguntando, ansiosa:

— Será que vou crescer ou diminuir?

Colocou a mão sobre a cabeça para sentir em que direção estava indo, mas ficou muito surpresa ao constatar que continuava do mesmo tamanho. Normalmente é isso que acontece quando a gente come um pedaço de bolo. Mas é que tantas coisas estranhas aconteceram ultimamente, que Alice já estava se acostumando com elas, e agora as coisas comuns pareciam ... chatas e sem graça.

... mãos à obra, e num segundo acabou com o bolo ...

CAPÍTULO 2

Uma lagoa de lágrimas

— Cada vez mais esquisitíssimo! — exclamou Alice (ela estava tão surpresa, que por um momento chegou a esquecer como se fala corretamente). — Agora estou espichando como se fosse o maior telescópio do mundo! Adeus, pés! (porque, quando olhou para seus pés, eles pareciam tão distantes, que quase se perdiam de vista). — Ó, meus queridos pezinhos, quem será que vai calçar sapatos e meias em vocês agora? Com certeza, eu é que não vou conseguir, pois estarei muito longe para me preocupar com vocês. Vão ter que se virar sozinhos... Mas, pensando bem, tenho que ser gentil com eles, ou não vão caminhar para onde quero. Deixa eu ver... Já sei! Todo Natal vou dar a eles um par de botas novinhas.

E prosseguiu fazendo planos:

— E vão ter de ir pelo correio. Vai ser muito engraçado mandar presentes para os próprios pés. E o endereço também vai parecer estranho:

Ao Excelentíssimo Senhor Pé Direito da Alice,
Tapete da Sala,
Perto da grade da lareira
(com amor, Alice)

— Meu Deus! Quanta bobagem eu estou dizendo!

Exatamente nesse instante, bateu com a cabeça no teto do salão. Agora ela já estava com mais de três metros de altura. Pegou logo a pequena chave de ouro e saiu correndo para a portinha do jardim.

Mas, pobre Alice! O máximo que ela conseguia agora era deitar-se de lado no chão e observar o jardim com apenas um dos olhos. Entrar lá ficou mais impossível do que nunca. Então ela sentou-se no chão e começou a chorar novamente.

— Ora, devia sentir vergonha! — repreendeu-se a si mesma. — Uma menina desse tamanho (e agora ela estava mesmo bem grandinha...), chorando desse jeito! Pare já com isso! Estou avisando!

Mas, que nada, continuou chorando cada vez mais, derramando baldes de lágrimas, até que se formou uma grande lagoa em volta dela, medindo cerca de meio palmo de profundidade, já avançando até a metade do salão.

Daí a pouco, ouviu o som de alguns passinhos vindo de longe, e ela rapidamente enxugou os olhos para ver o que estava acontecendo. Era o Coelho Branco de volta, muito bem vestido, com um par de luvas brancas de pelica em uma das mãos e um leque grande na outra. Vinha correndo, muito afobado, murmurando consigo mesmo, enquanto se aproximava:

Oh, a Duquesa, a Duquesa! Oh, ela vai ficar furiosa se eu chegar atrasado e a deixar esperando!

Alice estava tão desesperada, que já estava disposta a pedir ajuda a qualquer um. Então, quando o Coelho chegou mais perto, começou, com uma voz tímida e baixa:

— Senhor, por gentileza... Poderia...

O Coelho levou o maior susto, deixou cair as luvas branquinhas de pelica e o leque, e fugiu pela escuridão tão rápido quanto pode.

Alice pegou o leque e as luvas e, como o salão estava muito quente, ficou se abanando sem parar, enquanto murmurava:

— Tudo está tão esquisito hoje! E ainda ontem as coisas estavam tão normais... Será que durante a noite eu virei outra

versos — concluiu a pobrezinha. E seus olhos se encheram de lágrimas de novo enquanto falava.

— Devo mesmo ter virado a Mabel. Agora vou ter de morar naquela casinha dela, sem quase nenhum brinquedo com que brincar, e sempre ter tantas lições para aprender, porque ela não sabe nada. Não, já me decidi: se eu for mesmo a Mabel, é melhor ficar por aqui. Não vai adiantar nada eles enfiarem a cabeça naquele buraco e gritarem aqui para baixo: "Volte para cá, querida!" Vou apenas olhar para cima e dizer: "Então, quem sou eu? Primeiro me respondam, e depois, se eu gostar de ser essa pessoa, eu subo; se eu não gostar, fico aqui embaixo até virar outra pessoa". Mas... ai meu Deus... — chorou Alice, numa explosão de lágrimas — eu queria tanto que alguém colocasse a cabeça naquele buraco e me chamasse... Estou *tão* cansada de ficar aqui sozinha!...

Enquanto falava isso, olhou para suas mãos e reparou, com espanto, que tinha acabado de colocar uma das luvas brancas de pelica do Coelho Branco.

— Como *posso* ter feito isso? — assustou-se. — Devo estar diminuindo de novo.

Levantou-se e foi para perto da mesinha para medir seu tamanho por ela, e descobriu que, tanto quanto podia calcular, agora estava com uns sessenta centímetros de altura, e continuava a encolher rapidamente. Logo percebeu que era por causa do leque que estava segurando. Então, ela o jogou apressadamente no chão, escapando por um triz de sumir de vez.

— Dessa escapei por pouco! — exclamou, bastante assustada com a mudança instantânea, mas muito feliz por ainda existir. — E agora, para o jardim!

Correu depressa em direção à pequena porta, mas, como pode! A portinha estava fechada novamente e a chavinha de ouro estava em cima da mesa de vidro, tudo exatamente como antes, só que agora "as coisas estão piores do que nunca", pensou, "porque nunca na minha vida fui tão minúscula. E posso garantir que isso é péssimo!"

Assim que disse essas palavras, seu pé escorregou e, num

instante, *tchibum*!, estava com água salgada até a altura do queixo. A primeira coisa que pensou foi que, de algum [illegible] tinha caído no mar.

— E nesse caso, dá para voltar de trem... — disse con[illegible] mesma. (Alice tinha ido à praia apenas uma vez na vida [illegible] tinha chegado à conclusão de que, onde quer que se vá p[illegible] litoral da Inglaterra, é tudo igual: uma porção de "máqu[illegible] de banho"[1] no mar, algumas crianças brincando na areia [illegible] baldinhos e pás, uma fileira de pousadas e, atrás delas, [illegible] estação de trem.) Mas logo se deu conta de que não estava [illegible] mar e sim mergulhada na lagoa formada por suas próp[illegible] lágrimas, que chorara quando estava com três metros de alt[illegible]

— Gostaria de não ter chorado tanto — disse, enqua[illegible] nadava, tentando achar a saída. — E agora vou ser castiga[illegible]

[1] Máquinas de banho eram uma espécie de cabines individuais sobre [illegible] puxadas por cavalos à beira-mar, que se usava antigamente. (N. da T.)

isso, me afogando nas minhas próprias lágrimas. Vai ser estranho, com certeza. Mas hoje está tudo estranho mesmo.

Nesse instante ela ouviu um barulho, um pouco mais adiante, como se fosse alguém se debatendo na água. Nadou até lá para descobrir o que era. Primeiro pensou que poderia ser um leão marinho, ou um hipopótamo. Mas depois se lembrou de quão pequenina estava agora e logo percebeu que se tratava apenas de um camundongo que tinha escorregado na água, assim como acontecera com ela.

— Adiantaria de alguma coisa falar com esse rato agora? — pensou Alice. Está tudo tão estranho aqui embaixo que é bem capaz de ele me responder. De qualquer maneira, não custa tentar...

Assim, começou:

— Ó Rato, você conhece algum jeito de sair daqui? Estou muito cansada de ficar nadando para lá e para cá, ó Rato!

(Alice pensou que essa deveria ser a maneira correta de se dirigir a um rato. Ela nunca tinha feito uma coisa dessas antes, mas se lembrava de ter visto no livro de Gramática Latina de seu irmão, algo assim: "Um rato — de um rato — para um rato — um rato — ó rato!")

O Rato olhou com cara de quem não estava entend...
nada, e até parecia ter piscado para ela com um de seus ...nhos, mas não disse nada.

— Talvez ele não fale a minha língua — pensou Alice. — Talvez seja um ratinho francês, que chegou até aqui com Guilherme, o Conquistador... (Pois, apesar de ser boa ... história, Alice não tinha muita noção sobre em que tempo ... coisas aconteceram.)

Então, começou novamente:

— *Où est ma chatte?*[2] — que era a primeira frase do ... livro em francês.

O Rato deu um pulo para fora da água, e parecia e... tremendo de medo.

— Oh, desculpe-me! — disse Alice prontamente, com me... de ter ofendido os sentimentos do bichinho. — Eu esque... me de que você não gosta de gatos.

— Não gostar de gatos? — gritou o Rato com voz estriden... e carregada de emoção. — *Você* gostaria deles, se estives... no meu lugar?

— Bem, talvez não — concordou, com voz suave. — Mas não fique zangado. Eu até gostaria de poder lhe mostr... nossa gatinha Dinah. Eu acho que você passaria a gostar ... gatos se somente a visse. Ela é tão lindinha... — continuo... falando mais para si mesma, enquanto nadava lentamente — e se senta ronronando tão bonitinho perto da lareira, lambend... as patinhas e limpando a carinha... é uma coisa tão fofa de ... acarinhar... e é tão eficaz para pegar camundongos... Ih, des...culpe-me!

O Rato já estava com o pêlo todo eriçado, e ela achou qu... dessa vez ele deveria estar mesmo ofendido.

— Mas, se preferir, nós não falamos mais sobre ela

— Nós, é mesmo? — gritou o Rato, tremendo todo, ... focinho até o rabo. — Até parece que eu tocaria num assu...

---

[2] Em francês, no original, "Onde está minha gata?" (N. da T.)

CAPÍTULO [illegible]

Uma corrida maluca e uma longa história

E era mesmo um grupo esquisito aquele reunid[illegible] margem — os pássaros com suas penas encharcadas, os animais com seus pêlos grudados no corpo, e todos ensopados, mal-humorados e indispostos.

A primeira questão a ser resolvida era, obviamente, como se secariam. Fizeram uma assembleia para discutir o [illegible] e, após alguns minutos, parecia muito natural para Ali[illegible] conversando na maior intimidade com eles, como se os tivesse conhecido a vida inteira. Para se ter uma ideia, ela chegou a discutir com a Arara, que acabou emburrada, dizendo

— Eu sou mais velha do que você e, portanto, devo saber mais.

E isso Alice não poderia admitir, pre[illegible] saber a idade dela. Mas a Arara se recusava terminantemente a revelar quantos anos tinha, e ponto final.

Finalmente o Camundongo, que parecia ter certa autoridade entre a bicharada, ordenou

— Todos sentados, e prestem atenção ao que vou dizer! Brevemente cuidarei para que todos estejam secos!

Todos se sentaram de uma só vez, formando um grande círculo, com o Camundongo no meio. Al[illegible] olhos fixos nele, ansiosamente, porque tinha certeza de que

pegaria uma gripe daquelas se não se secasse bem rápido.

— Hum, hum! — fez o Camundongo, com um ar de importância.

— Todos prontos? Esta é a coisa mais seca que eu conheço. Silêncio todos, por favor! "Guilherme, o Conquistador, cuja causa era apoiada pelo papa, em pouco tempo submeteu os ingleses, que precisavam de líderes e estavam acostumados com usurpação e conquista. Edwin e Morcar, os condes de Mércia e Nortumbria..."

— Brrr! — fez a Arara, num arrepio.

— Perdão? — perguntou o Camundongo educadamente, porém, franzindo as sobrancelhas. — Você disse alguma coisa?

— Eu não! — respondeu a Arara prontamente.

— Pensei que sim — retrucou o Camundongo. — Vou prosseguindo: "Edwin e Morcar, os condes de Mércia e Nortumbria, manifestaram seu apoio a ele. E até mesmo Stigand, o arcebispo patriota de Canterbury, achou isso oportuno..."

— Achou o quê? — interrompeu o Pato.

— Achou isso oportuno — replicou o Camundongo, um tanto quanto mal-humorado. — Suponho que saiba o que "isso" significa.

— Claro que sei o que "isso" significa, principalmente quando *eu* acho alguma coisa — disse o Pato. — E geralmente é uma rã ou uma minhoca. Mas a questão é: o que foi que o arcebispo achou?

O Camundongo desconsiderou a pergunta, e prosseguiu apressadamente:

— "... achou isso oportuno e foi com Edgar Atheling ao encontro de Guilherme para oferecer-lhe a coroa. No começo, Guilherme agiu com moderação. Mas a insolência de seus normandos..." Como está se sentindo, queridinha? — interrompeu, virando-se para Alice.

— Mais molhada do que nunca — respondeu Alice, muito desanimada. — Não parece que essa conversa esta me deixando mais seca.

— Nesse caso — disse o Dodô solenemente, levantando-se

[illegible], proponho que essa assembléia seja interrompida para a adoção imediata de providências mais enérgicas.

— Fale a nossa língua! — ironizou o filhote de Águia. — Não dá para entender metade do que você diz. E acho que nem você entende...

E abaixou a cabeça para disfarçar uma risadinha. Alguns dos outros pássaros presentes também soltaram risadinhas [illegible]tidos.

— O que eu ia dizer — argumentou o Dodô, [illegible] ofendido — era que a melhor coisa para nos secar [illegible] corrida do seca-seca[1].

— Mas o que é uma corrida do seca-seca? — perguntou Alice. Não que ela estivesse muito interessada em saber [illegible] é que o Dodô tinha dado uma pausa como se esperasse alguém dizer alguma coisa, e parecia que ninguém estava muito disposto a falar.

— Bom — disse o Dodô —, a melhor maneira de explicar é executar. (E como você pode também querer experimentar, num dia de inverno, vou lhe contar como foi que o Dodô fez.)

Primeiramente, ele traçou no chão uma pista de [illegible], uma espécie de círculo ("a forma exata não tem importância", explicou) e depois a turma toda foi espalhada pela pista, [illegible] aqui e outros ali. Não teve esse negócio de se contar "[illegible], dois, três e já!": cada um começou a correr quando bem [illegible] e também parou quando quis, de maneira que ficou [illegible] difícil saber se a corrida tinha terminado ou não. [illegible]

---

[1] O termo original empregado pelo autor é "caucus-race", que per[illegible] uma série de possíveis traduções. A palavra "caucus" pode significar reunião ou convenção política, ou ainda facção eleitoral. Estudiosos da obra atribuem a adoção desse termo por Lewis Carroll ao seu desejo de inferir q[illegible] convenções ou reuniões políticas não levam a lugar algum. Optan[illegible] expressão mais óbvia, "corrida do seca-seca", já que nessa pass[illegible] história os personagens estão molhados e precisam fazer algo para se secar. (N. da T.)

tão seriamente, que ela não se atreveria a rir. E como não conseguiu pensar em nada mais para dizer, simplesmente curvou-se em reverência e aceitou o dedal, com o ar mais solene que pôde fazer.

Depois, todos começaram a comer os confeitos. E isso provocou muito barulho e confusão: as aves grandes reclamavam que não conseguiam sentir o gosto dos confeitos, por serem muito pequenos para elas; as aves pequenas se engasgaram, porque para elas os confeitos eram muito grandes e tiveram de levar tapinhas nas costas.

No entanto, tudo terminou, e eles se sentaram novamente em círculo e pediram ao Camundongo que lhes contasse mais alguma coisa.

— Você prometeu me contar sua história, lembra? — disse Alice. — E também porque detesta... G e C — acrescentou baixinho, com medo de que ele se ofendesse de novo.

— Pois bem, vou contá-la de cabo a rabo! — disse o Camundongo, virando-se para Alice e dando um suspiro.

— De cabo a rabo... claro... — replicou Alice, olhando perplexa para o rabo do Rato.

— Minha história é muito triste e tem um longo repertório — prosseguiu o Rato.

— Longo ele *é* mesmo... — respondeu Alice, ainda com os olhos fixos no rabo do camundongo, que lhe parecia tão comprido! — Mas por que diz que é triste? — perguntou a menina, envolta em seus pensamentos.

Então, o Rato começou a falar, a falar... De maneira que a idéia que a menina fez da história foi mais ou menos essa.

— Fúria disse para o Rato
Ao encontrá-lo, no ato:
"Vamos já ao tribunal,
lá te darei um processo.
Vamos, não venhas
com lamento,
Vamos ao teu
julgamento.
Esta manhã
eu estou,
só para isso,
em recesso."
— Disse o Rato
ao Cachorro:
"Tal julgamento,
socorro!
Sem júri
e sem juiz,
é desperdício
de corte."
"Serei o júri
e o juiz.
Eu, caçador
de perdiz,
Julgarei
a causa
toda e a
sentença
é a
morte."[2]

---

[2] A estrutura do poema do camundongo de Carroll tem sua origem no *tail rhyme* — dois versos curtos rimados seguidos de um outro não rimado e mais alongado. O autor adaptou o "poema-cauda" em uma forma mais alegórica. Em inglês, os vocábulos "tale" (conto) e "tail" (rabo) têm pronúncia semelhante, são homófonos, por isso optamos pelo formato de rabo de rato na diagramação da história contada pelo Rato. Se fosse

— Eu não deveria ter falado sobre a Dinah! — disse para si mesma num tom melancólico. — Parece que ninguém gosta dela por aqui... Mas tenho certeza de que ela é a melhor gata do mundo! Ai, minha querida Dinah! Será que algum dia vou ver você de novo?

E a pobrezinha começou a chorar novamente, porque se sentia muito sozinha e deprimida. Mas daí a pouco começou a ouvir novamente o som de alguns passinhos vindo de longe e levantou os olhos, meio ansiosa, com uma pontinha de esperança de que fosse o Rato de volta. Talvez ele tivesse mudado de ideia e fosse terminar de contar sua história

O Coelho Branco

Mas não era o Rato... Era o Coelho Branco de volta, que se aproximava devagarzinho, aos pulinhos, e olhando ansiosamente ao redor como se tivesse perdido alguma coisa importante. A menina ouviu que ele murmurava consigo mesmo:

— A Duquesa! A Duquesa! Ai, minhas patinhas queridas! Ai, meus pêlos e meus bigodes! Ela vai mandar me executar, tão certo quanto furões são furões! Onde *posso* tê-los deixado cair?

Alice adivinhou na mesma hora que ele estava procurando pelo leque e pelo par de luvas brancas de pelica. E com a maior boa vontade começou também a procurar por eles, mas não os viu em nenhum lugar. Tudo parecia ter mudado desde seu nado na lagoa de lágrimas. O grande salão, a mesa de vidro e a pequena porta também tinham sumido por completo.

O Coelho logo reparou na presença de Alice, [illegible] procurava pelos objetos, e disse num tom zangado:

— Mariana, o que você está fazendo aqui? Corra já para casa e me traga um par de luvas e um leque! Rápido, agora!

Alice estava tão assustada que saiu correndo [illegible] direção que ele apontou, sem nem tentar [illegible] que ele estava equivocado

E foi isso mesmo que aconteceu, e mais rápido do que ela esperava: antes mesmo de ter bebido metade do conteúdo da garrafa, já estava com a cabeça batendo no teto, e teve que se encolher toda para não quebrar o pescoço. Então, soltou a garrafa de repente, dizendo para si mesma:

— Chega! Isso já é mais que suficiente. Espero que não cresça demais, porque do jeito que estou já não consigo passar pela porta. Eu acho que não deveria ter bebido tanto!

Mas já era tarde demais, porque a menina continuou crescendo e crescendo, e logo teve de se ajoelhar no chão. Pouco depois, já não havia espaço nem para isso e ela resolveu se deitar no chão com um cotovelo encostado na porta e o outro braço em volta da cabeça. Mas continuou crescendo mais e mais, e, como último recurso, enfiou um braço pela janela e um pé pela chaminé acima, dizendo:

— Bom, agora não posso fazer mais nada, aconteça o que acontecer. Mas, e agora, o que vai ser de mim?

Por sorte, a garrafinha mágica já tinha esgotado todo seu efeito, e ela não cresceu mais. Mas ainda estava numa posição

muito desconfortável e, como parecia não haver se...
chance de sair dali, não é de se admirar que se sentisse...
— Lá em casa era muito mais agradável — lembro...
menina. — Lá eu não ficava crescendo e diminuindo a...
hora, nem recebendo ordens de ratos e coelhos. Chego...
me arrepender de ter entrado por aquela toca de...
Mas... no entanto... é muito interessante esse tipo de...
Fico imaginando o que será que realmente aconteceu...
e não chego a nenhuma conclusão. Antigamente, quando...
lia contos de fadas, eu achava que essas coisas não acon...
ciam na vida real. E aqui embaixo parece que estou bem...
meio de uma dessas histórias. Acho que deveriam escre...
um livro sobre mim! Deveriam mesmo! E quando eu cresc...
eu vou escrever um... Bem que eu já estou bem cresc...
agora... — acrescentou, num tom tristonho. — Pelo meno...
não há mais espaço sobrando para eu continuar cresce...
aqui.

— Mas, nesse caso, será que nunca vou envelhecer? —
pensou. — Por um lado é um consolo saber que nunca ficarei
velha, mas, por outro lado, vou ter que estudar e fazer lições
de casa para sempre! Ai, eu não iria gostar *disso*!

— Ai, Alice, sua tola! — respondeu a si mesma. — Como
é que você vai estudar por aqui? Pois se não há espaço
suficiente nem para você, como haveria para cadernos e
livros?

E assim prosseguiu falando sozinha: primeiro assumindo
um papel e depois outro, como acontece num diálogo
completo. Porém, passados alguns minutos, a menina ouviu
uma voz que vinha de fora e ficou atenta para escutar tudo
direitinho.

— Mariana! Mariana! — disse a voz. — Pegue já minhas
luvas!

Depois ouviu o barulho das patinhas subindo pela escada
afora. Alice sabia que era o Coelho que vinha à sua procura, e
estremeceu toda de medo. Tremeu tanto, que fez a casa sacudir,
quase esquecendo de que agora ela era umas mil vezes maior

— Mas cuidado para ele não engasgar!

— Tudo bem com você, campeão?

— Mas o que foi que aconteceu?

— Vamos, conte!

Por fim ouviu-se uma voz, assim, de tampa, meio fraquinha ("É ele, o Bill", pensou Alice)

— Bom, é difícil de saber... Não, já chega... Estou melhor agora... Mas ainda estou meio atrapalhado... dá para explicar... Só sei que alguma coisa veio lá de... bateu em mim, como se fosse um boneco de mola... saltam de dentro de uma caixa surpresa, e lá fui eu... espaço, como um foguete!

— É, foi mesmo, campeão! — disseram alguns

— Temos que botar fogo na casa! — disse a voz do...

E Alice gritou tão alto quanto pode:

— Se fizerem isso, solto a Dinah atrás de vocês...

Fez-se um silêncio fúnebre! E Alice pensou "O que... que vão fazer agora? Se raciocinassem direito, tirariam o telhado".

Depois de um minuto ou dois, eles começaram a se movimentar novamente, e Alice ouviu o Coelho dizer:

— Um carrinho cheio deve dar para o começo.

— Um carrinho cheio de quê? — pensou Alice

Mas não ficou na dúvida por muito tempo, porque... seguir uma chuva de pedrinhas miúdas veio janela adentro... algumas bateram bem no rosto dela.

— Eu vou já dar um jeito nisso! — disse consigo mesma...

E gritou, em alto e bom som:

— É melhor que isso não se repita!

O resultado foi um outro silêncio fúnebre

Mas Alice reparou, com surpresa, que as pedrinhas... que batiam no chão, se transformavam em bolinhos... idéia brilhante lhe veio à mente "Se eu comer um... desses, é certo que vou mudar de tamanho de novo... não tenho mais espaço para crescer, pode ser que eu d...

Dessa forma, engoliu um dos bolinhos e ficou feliz...

se percebeu que começou a diminuir na mesma hora. Assim que ficou pequena o suficiente para passar pela porta, correu para fora da casa e se deparou com um bando de animaizinhos e pássaros esperando ali. O pobrezinho do lagarto, Bill, estava bem no meio da multidão, sustentado por dois porquinhos-da-índia que lhe davam algo para beber numa garrafa. Todos correram na direção de Alice assim que ela apareceu. Mas a menina correu o mais rápido que póde, e logo se viu sã e salva num bosque fechado.

— A primeira coisa que tenho de fazer — disse consigo mesma, enquanto caminhava pelo bosque — é voltar ao meu tamanho normal. E a segunda é encontrar novamente o caminho daquele lindo jardinzinho. Acho que esse é um plano perfeito!

E parecia mesmo um plano excelente, sem dúvidas, e muito bem elaborado. O único problema era que ela não tinha a menor idéia do que devia fazer, e nem por onde começar. E enquanto espiava ansiosa por entre as árvores, um latidinho agudo bem acima de sua cabeça fez com que olhasse para o alto, bem depressa.

Um enorme filhote de cachorro, de olhos grandes e redondos, estava olhando na direção dela e esticava uma pata, tentando tocá-la.

— Pobre criaturinha! — disse a menina num tom carinhoso.

Em seguida, tentou assobiar para ele, mas ao mesmo tempo tinha medo só de pensar que ele poderia estar faminto, e nesse caso era bem provável que resolvesse fazer dela sua refeição, apesar de todas as manifestações de carinho.

Sem saber o que fazer, apanhou um pequeno graveto e estendeu ao cachorrinho. Diante disso, o bichinho saltou com as quatro patas no ar, latindo de felicidade, e correu na direção do graveto, fazendo de conta que estava com medo dele. Alice, então, escapou para trás de um grande espinheiro para evitar que fosse atropelada por ele. Quando ela apareceu do outro lado, o filhotinho fez outra investida contra o graveto e acabou dando uma cambalhota no ar na euforia de agarrá-lo.

...do, então saiu correndo, partindo imediatamente. Correu até ficar bem cansada e sem fôlego, e até que os latidos do cachorrinho ficassem bem distantes.

— Mesmo assim, ele era uma gracinha de cachorro! — disse Alice, enquanto se recostava numa margarida para descansar, e se abanava com uma das folhas. — Eu bem que gostaria de ter ensinado muitos truques para ele, se... se pelo menos estivesse do tamanho certo para isso! Ai, meu Deus, eu já ia me esquecendo de que tenho que crescer novamente! Deixa eu ver... Como é que eu faço mesmo? Eu acho que tenho que comer ou beber alguma coisa. Mas a grande questão é: o quê?

A questão era, certamente, "o quê?". Alice olhou para as flores e para a relva ao redor, mas não achou nada que parecesse a coisa certa para se comer ou beber naquelas circunstâncias. Perto dela havia um cogumelo gigante, quase da sua altura. A menina, então, deu uma olhada debaixo dele, dos dois lados, e atrás. E depois lhe ocorreu que talvez fosse uma boa idéia ver o que havia em cima dele.

Esticou-se toda na pontinha dos pés e deu uma espiada por cima do cogumelo. Seus olhos imediatamente se depararam com os de uma grande lagarta azul, que estava sentada no topo com os braços cruzados, fumando tranqüilamente um longo narguilé, e sem dar a mínima atenção a ela ou a qualquer outra coisa.

CAPÍTULO 5

Conselho de uma Lagarta

Alice e a Lagarta ficaram se entreolhando por algum tempo em silêncio. Finalmente, a Lagarta tirou o cigarro da boca e perguntou, com voz lânguida e sonolenta:

— Quem é você?

Não se pode dizer que esse foi um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada:

— Não estou bem certa, senhora... Quero dizer, nesse exato momento não sei quem sou... Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu *era*, mas acho que já mudei muitas vezes desde então...

— O que você quer dizer com isso? — inquiriu a Lagarta, severamente. — Explique-se melhor!

— Acho que não posso *me* explicar, senhora — respondeu a menina. — Porque eu não sou eu mesma, entende?

— Não, não entendo — replicou a Lagarta.

— Acho que não consigo ser mais clara, senhora — Alice respondeu com toda a educação. — Porque, para começar, nem eu mesma consigo entender. Esse negócio de mudar de tamanho tantas vezes num só dia é muito confuso.

— Não, não é — afirmou a Lagarta.

— Bom, talvez a senhora ainda não tenha passado por isso — argumentou Alice. — Mas quando a senhora tiver que se

transformar numa crisálida — e isso vai acontecer... desses, sabe? — e depois numa borboleta, acho... também vai se sentir um pouco esquisita, não...

— Nem um pouquinho — assegurou a Lagarta.

— Bom, talvez seus sentimentos sejam diferentes — a menina. — Mas tudo que sei é que isso seria... para mim.

— Para você? — perguntou a Lagarta, insolente... Mas quem é você?

Quer dizer, a conversa voltou ao seu ponto inicial... estava meio irritada com a Lagarta e suas respostas... secas. Por isso, resolveu mudar de atitude. Empinou... disse, com ares de pessoa séria:

— Eu acho que *você* deveria se apresentar primeiro.

— Por quê? — questionou a Lagarta.

E essa era outra pergunta difícil de responder. Como... não conseguia pensar numa boa resposta, e a Lagarta... não estar num de seus melhores dias, ela virou-se e...

— Volte! — chamou a Lagarta. — Tenho algo importante para lhe dizer!

Isso parecia realmente mais promissor, sem dúvida... deu meia-volta, e retornou.

— Mantenha a calma — disse a Lagarta.

— Só isso? — perguntou a menina, engolindo... conter sua raiva da melhor maneira que podia.

— Não — respondeu a Lagarta.

Alice pensou que podia muito bem esperar... tinha mais nada para fazer. No final das contas,... ser que a Lagarta dissesse alguma coisa que se... Por alguns minutos, a Lagarta ficou soltando... de fumaça, sem dizer uma palavra. Por fim,... braços, tirou o cigarro da boca novamente, e disse:

— Você acha que está mudada, não acha?

— Receio que sim, senhora — respondeu... não consigo mais me lembrar das coisas como antes... consigo ficar do mesmo tamanho por mais de dez...

— Não consegue lembrar de *que* coisas? — perguntou a Lagarta.

— Bom, tentei recitar "Como pode", mas saiu tudo diferente — respondeu Alice, meio tristonha.

— Recite "Está velho, Pai William" — pediu a Lagarta.

Alice juntou as mãos, e começou:

"Está velho, Pai William",
Disse o moço admirado.
"Como é que ainda faz
Cabriola em seu estado?"

"Fosse eu moço, meu rapaz,
Podia os miolos afrouxar;
Mas agora já estão moles,
Para que me preocupar?"

"Está velho", disse o moço,
"E gordo como uma pipa;
Mas o vi numa cambalhota...
Não teme dar nó na tripa?"

"Quando moço", disse o sábio
"Fui sempre muito ágil, usava esta [illegible]
É só um xelim a caixa, não
Não quer dar uma experimentada?"

"Está velho", disse o moço,
"Seus dois dentes já estão bambos
Mas gosta de chupar cana,
Como então não caem ambos?"

"Quando moço", disse o pai,
"Sempre evitei mastigar.
Foi assim que estes dois dentes
Consegui economizar."

"Está velho", disse o moço,
"Já não enxerga de dia,
Como então inda equilibrada
No seu nariz uma enguia?"

"Já respondi a três perguntas,
Parece mais que o bastante,
Suma já ou eu lhe mostro
Quem aqui é o importante."

— Do cogumelo — explicou a Lagarta, como se a pergunta tivesse sido em voz alta. E daí a pouco desapareceu.

Por um instante, Alice ficou pensativa olhando para o cogumelo, tentando identificar qual lado era qual. E como era perfeitamente redondo, achou que esse era um problema difícil de resolver. No entanto, acabou esticando seus braços ao máximo ao redor do cogumelo e pegou dois pedacinhos da beirada dele. Um pedacinho com a mão direita e outro com a esquerda.

— E agora, qual é qual? — perguntou a si mesma, dando uma mordidinha no pedaço que estava na mão direita para ver o que acontecia. Logo sentiu uma pancada violenta embaixo do queixo, que tinha caído até o pé!

Ficou muito assustada com essa mudança tão súbita, mas percebeu que não tinha mais tempo a perder, porque estava encolhendo muito depressa. Sendo assim, tratou logo de comer um pouco do outro pedaço. Seu queixo estava agora tão pressionado contra o pé que mal havia espaço para abrir a boca. Mas no final ela conseguiu engolir um bocado do pedaço que estava na mão esquerda.

— Oba! Minha cabeça está livre de novo! — comemorou alegremente.

Mas a alegria durou pouco, porque agora ela não conseguia mais ver os próprios ombros. Quando olhava para baixo, o que enxergava era um pescoço muito comprido, que parecia se elevar como uma haste perante um mar de folhas verdes que se estendia ao longe.

— O que *pode* ser toda aquela coisa verde lá embaixo? — perguntou Alice. — E onde é que foram parar [os meus] ombros? E as minhas mãos, coitadinhas. Onde [vocês estão], que não consigo achar?

Na verdade ela estava movimentando [illegible] falava, mas parecia que isso não surtia nenhum [illegible] ser uma pequena agitação por entre a [illegible] baixo.

E como parecia não ter a menor chance de [illegible]

até a cabeça, tentou abaixar a cabeça até ele. F...
ao descobrir que seu pescoço podia se curvar em...
duções com facilidade, como se fosse uma...
sucesso numa manobra graciosa em ziguezague...
ponto de mergulhar por entre as folhagens...
serem apenas as copas das árvores, debaixo...
caminhando — quando um som agudo a fez...
mente. Uma grande Pomba tinha voado até...
batia-lhe violentamente com as asas no rosto.

— Cobra! — gritou a Pomba.

— Eu *não* sou uma cobra! — disse Alice...
Ora, deixe-me em paz!

— Cobra! Eu insisto! — repetiu a Pomba, ...
mais moderado, e acrescentou, quase soluçando...
de todas as formas, mas nada parece satisfazê-las!

— Não tenho a menor idéia do que está falando...
Alice.

— Já tentei as raízes das árvores, as margens...
cercas — continuava a Pomba, sem prestar atenção...
— Mas essas cobras! Elas não se contentam com...

Alice estava ainda mais confusa, mas pensou...
adiantar dizer mais nada enquanto a Pomba não...

— Como se não bastasse ter de chocar os ovos...
a Pomba — ainda tenho que ficar de plantão...
vigiando, de olho nas cobras. Já faz três semanas...
prego os olhos!

— Puxa, sinto muito por você ter se aborrecido...
Alice, que estava começando a entender o que a Pomba...
dizer.

— E bem quando eu consigo chegar na árvore...
floresta — prosseguiu a Pomba, levantando ...
num guincho —, e pensando que finalmente...
delas... lá vêm elas de novo, se retorcendo, desc...
em ziguezague! Que asco! Cobra!

— Mas eu já disse que não sou uma cobra! ...
a menina. — Eu sou uma... sou uma...

— Piga! Você é uma... *o quê?* — retrucou a Pomba. — Já vi que você está tentando inventar alguma coisa!

— Eu... Eu sou uma garotinha — respondeu Alice, meio insegura, lembrando-se que tinha mudado muitas vezes naquele dia.

— Não é possível! — disse a Pomba com profundo desprezo. — Já vi muitas garotinhas na minha vida, mas nunca com um pescoço tão comprido! Não, não! Você só pode ser uma cobra, e não adianta tentar me enganar. Aposto como daqui a pouco você vai me dizer que nunca experimentou um ovo!

— Claro que já! — afirmou Alice, que não sabia mentir. — Mas as meninas também comem ovos, assim como as cobras, sabia?

— Eu não acredito em você — irritou-se a Pomba. — E, se isso for mesmo verdade, acabo por concluir que as meninas são um tipo de cobra.

Essa idéia era tão nova para Alice, que ela ficou em silêncio por um minuto ou dois, o que deu à Pomba oportunidade de acrescentar:

— Você está procurando por ovos, isso eu sei muito bem! Então, que diferença faz se é uma garotinha ou uma cobra?

— Pois para mim faz muita diferença — Alice foi logo respondendo. — Além do mais, eu não estou procurando por ovos. E, se estivesse, eu não ia querer os *seus*: eu não gosto de ovo cru.

— Bem, fora daqui, então! — ordenou a Pomba, mal-humorada, enquanto pousava novamente em seu ninho.

Alice, então, foi se encolhendo toda por entre as árvores, da maneira como podia, porque seu pescoço ficava enganchando nos galhos e a todo momento ela tinha que parar para desembaraçá-lo. Depois de um tempo, ela se lembrou de que ainda tinha nas mãos os pedaços de cogumelo e se empenhou cuidadosamente em mordiscar um pedaço e depois o outro, ora crescendo; ora diminuindo. Até que conseguiu, com sucesso, chegar ao seu tamanho normal.

Já fazia tanto tempo que ela não ficava do ta...
que se sentiu meio estranha no começo, mas lo...
e começou a falar sozinha, como sempre fazia.

— Pronto, já cumpri metade do meu plano! ...
perdida com todas essas mudanças! Eu nunca ...
ser de um minuto para o outro... Mas pelo menos ...
ao meu tamanho normal e a próxima coisa ...
entrar naquele jardinzinho adorável. Mas o que ...
de fazer para conseguir isso?

Assim que disse essas palavras, viu-se de repente ...
lugar aberto. Nesse lugar havia uma casinha que me...
de um metro e vinte centímetros de altura.

— Seja lá quem for que more aqui — refleti... — ...
posso deixar que me vejam *deste* tamanho, porque ...
de susto!

E começou novamente a dar mordidinhas no peda...
estava na mão direita, e não se aventurou a chegar mais perto
até que diminuísse seu tamanho para pouco mais de um palmo.

Porco e pimenta

Por um minuto ou dois, ela ficou ali plantada olhando para a casa, e imaginando o que faria depois, quando de repente um lacaio de libré veio correndo pelo bosque (e ela soube que se tratava de um lacaio porque ele estava de libré; do contrário, se fosse julgar pela cara dele, pensaria que era um peixe) e bateu na porta com os nós dos dedos.

A porta foi aberta por um outro lacaio de libré, de cara redonda e olhos esbugalhados como os de um sapo. Alice reparou que ambos usavam perucas encaracoladas e empoadas. Ela ficou muito curiosa para saber o que era aquilo tudo, e saiu um pouquinho do meio das árvores para ouvir melhor.

O Lacaio-Peixe tirou de debaixo do braço uma carta bem grande, quase do tamanho dele, e entregou para o outro, dizendo solenemente:

— Para a Duquesa. Um convite da Rainha para jogar *croquet*.

O Lacaio-Sapo repetiu, no mesmo tom solene, apenas mudando um pouco a ordem das palavras:

— Da Rainha. Um convite à Duquesa para jogar *croquet*.

Depois ambos fizeram uma reverência, curvando-se, e os cachos dos dois se embaraçaram uns nos outros.

Alice riu tanto desse episódio, que teve de correr de volta para o meio das árvores, com medo que eles a escutassem. E

depois, quando ela espiou novamente, o Lacaio-Peixe [illegible] desaparecido e o outro estava sentado no chão perto da [illegible] olhando estupidamente para o céu.

Alice foi até a porta, timidamente, e bateu

— Não adianta bater — disse o Lacaio. — [illegible] razões. Primeiro, porque eu estou do mesmo lado da [illegible] você. Segundo, porque eles estão fazendo tanto [illegible] dentro que ninguém conseguiria ouvi-la bater

E de fato estava uma barulheira lá dentro. Gritos, [illegible]

[illegible] constantes eram ouvidos, além de um barulho parecido com o de louça se espatifando em pedaços.

— Nesse caso, por favor — insistiu Alice. — Como faço para entrar?

— Até faria algum sentido bater — continuou o Lacaio, [illegible] prestar a menor atenção —, se houvesse uma porta entre nós. Por exemplo, se você estivesse do lado de dentro, poderia bater e eu lhe deixaria sair, obviamente.

Enquanto falava, ficava olhando para o céu o tempo todo, e Alice considerou isso uma falta de educação. Mas, ponderou:

— Talvez não seja culpa dele. Porque tem os olhos bem no alto da cabeça... Bom, mas isso não o impede de responder à minha pergunta.

E repetiu em voz alta:

— Como faço para entrar?

— Vou ficar sentado bem aqui — disse o Lacaio — até amanhã...

Nesse instante, a porta da casa se abriu e um prato gigante veio zunindo bem na direção da cabeça do Lacaio, tirando-lhe uma fininha do nariz e depois chocando-se com uma das árvores que estavam atrás dele.

— ... ou talvez depois de amanhã — prosseguiu o Lacaio, no mesmo tom de voz, como se nada tivesse acontecido.

— E como faço para entrar? — repetiu Alice, num tom mais alto.

— E será que você vai entrar? — disse o Criado. — Essa é que é a questão.

E ele estava certo, mas Alice não queria ouvir isso.

— É realmente horrível — murmurou consigo mesma — o jeito como essas criaturas discutem. Isso deixa qualquer um maluco!

O Lacaio considerou que essa era uma bela oportunidade para repetir sua observação, mas com pequenas variações:

— Vou ficar sentado aqui — disse ele —, ora sim ora não, por dias e dias.

— Mas o que é que eu faço? — perguntou Alice.

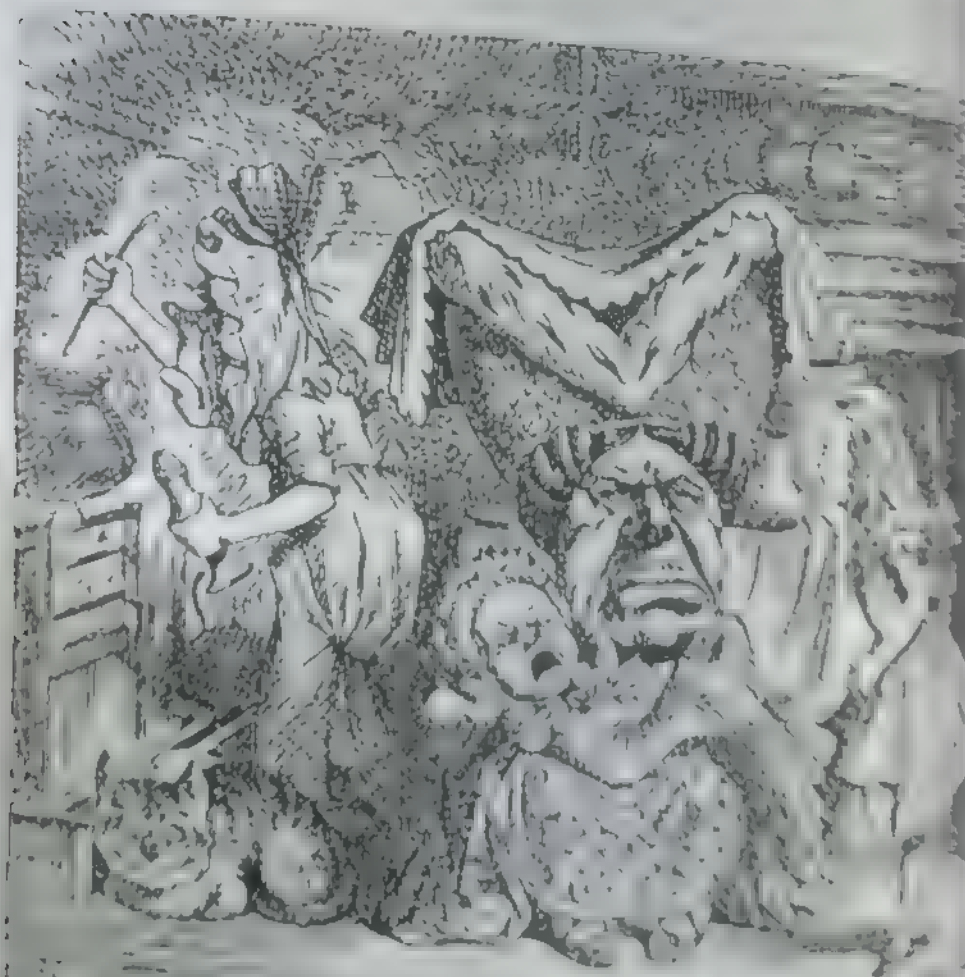
— Pode fazer o que quiser — respondeu e começou a assobiar.

— Não adianta falar com ele — disse Alice, desesperada. — Ele é um perfeito idiota!

Abriu a porta e entrou.

A porta conduzia a uma cozinha bem grande, cheia de fumaça para todo lado. Bem no meio e sentada num banquinho de três pernas, ninando um bebê, a Duquesa estava debruçada sobre o fogo, mexendo um caldeirão que parecia cheio de sopa.

— Com certeza puseram pimenta demais nessa sopa — pensou Alice, enquanto espirrava muito.

Era tanta pimenta, que o ar estava pesado. A Duquesa espirrava de vez em quando. Quanto ao bebê, espirrava sem dar um minuto de trégua para ... duas únicas criaturas na cozinha que não estavam

... a cozinheira e um gato enorme que estava deitado perto da lareira, com um sorriso que ia de orelha a orelha.

— Por gentileza, poderia me explicar — perguntou Alice, timidamente, porque não estava certa se era educado ser a primeira a falar — por que é que seu gato está rindo desse jeito?

— É um gato de Cheshire — respondeu a Duquesa. — É por isso. Porco!

E disse essa última palavra com tanta violência que Alice deu um salto. Mas depois viu que tinha sido dirigida ao bebê, e não a ela. Então ela se armou de coragem e prosseguiu:

— Eu não sabia que os gatos de Cheshire sorriam. Para ser sincera, nunca ouvi falar que gatos *pudessem* sorrir.

— Todos eles podem — disse a Duquesa. — E a maioria deles sorri.

— Eu não conheço nenhum que sorria — disse a menina muito educadamente, sentindo-se muito feliz por ter arranjado com quem conversar.

— Tem muita coisa que você ainda não sabe — observou a Duquesa. — E isso é um fato.

Alice não gostou nada do tom dessa observação e achou que seria melhor mudar de assunto. Enquanto pensava sobre isso, a cozinheira tirou o caldeirão de sopa do fogo e começou imediatamente a atirar tudo que estava a seu alcance na Duquesa e no bebê. Primeiro os ferros da lareira, depois uma chuva de panelas, travessas e pratos. A Duquesa nem ligava, mesmo quando algum a atingia. E o bebê a essa altura já estava berrando tanto que era impossível dizer se ele tinha se machucado ou não.

— Por favor, cuidado com o que está fazendo! — gritou Alice, pulando de um lado para o outro, aterrorizada. — Lá se vai o narizinho dele!

Uma panela enorme passou raspando tão perto que quase o arrancou fora.

— Se cada um tratasse de sua própria vida — resmungou a Duquesa — o mundo giraria bem mais depressa.

— Bom, pode ser de tanto chorar — pensou.

E olhou novamente para o rosto dele, para ver se havia lágrimas. Não, não havia.

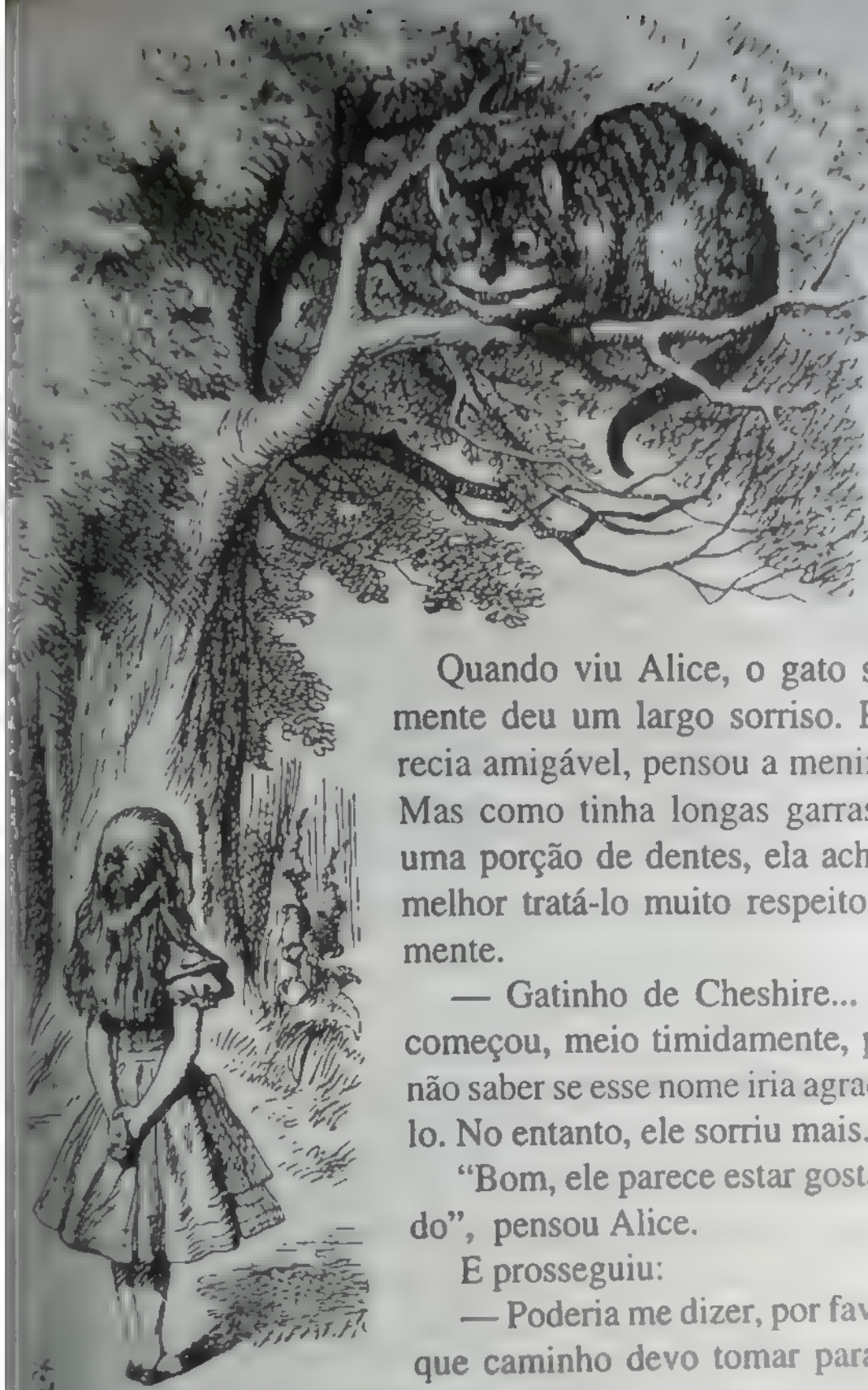
— Se por acaso você estiver se transformando num porco, querido — disse a menina seriamente —, não vou querer mais nada com você. Tome cuidado!

A pobre criatura soluçou novamente (ou grunhiu, porque era impossível distinguir), e os dois ficaram em silêncio por um tempo.

— E agora, o que vou fazer com essa criatura quando voltar para casa? — pensou Alice.

Nesse instante, ele grunhiu de novo, mas tão forte que ela olhou assustada. Desta vez não havia mais dúvida nenhuma: a criatura era mesmo um porco. Nada mais, nada menos. E ela achou que era um absurdo continuar carregando um porco no colo. Então, colocou o bichinho no chão e se sentiu bem aliviada ao ver que ele saiu trotando tranquilamente para o bosque.

— Se chegasse a crescer naquelas condições — disse para si mesma — seria uma criança muito feia. Mas, como um porco ele é bem bonitinho.

E começou a lembrar das crianças que conhecia e que ficariam muito bem como porquinhos, e estava justamente pensando "se alguém soubesse como transformá-las...", quando levou um susto ao ver o Gato de Cheshire sentado num galho de uma árvore bem perto dali.

Quando viu Alice, o gato somente deu um largo sorriso. Parecia amigável, pensou a menina. Mas como tinha longas garras e uma porção de dentes, ela achou melhor tratá-lo muito respeitosamente.

— Gatinho de Cheshire... — começou, meio timidamente, por não saber se esse nome iria agradá-lo. No entanto, ele sorriu mais.

"Bom, ele parece estar gostando", pensou Alice.

E prosseguiu:

— Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?

— Isso depende muito de para onde quer ir — respondeu o gato.

— Para mim, acho que tanto faz... — disse a menina.

— Nesse caso, qualquer caminho serve — afirmou o gato.

— ... contanto que eu chegue a *algum lugar* — completou Alice, para se explicar melhor.

— Ah, mas com certeza você vai chegar, desde que [illegible] muito bastante.

Como isso lhe pareceu incontestável, tentou outra pergunta:

— Que tipo de gente mora por aqui?

— Naquela direção — disse o Gato, apontando com a pata direita — mora um chapeleiro. E naquela [illegible] com a outra pata — mora uma Lebre de Março. Visite qualquer deles, quiser: os dois são loucos.

— Mas não quero me meter com gente louca — [illegible] Alice.

— Mas isso é impossível — disse o Gato. — Porque todo mundo é meio louco por aqui. Eu sou. Você também é.

— Como pode saber se sou louca ou não? — disse a menina.

— Mas só pode ser — explicou o Gato. — Ou não teria vindo parar aqui.

Alice achou que isso não provava nada. No entanto, continuou:

— E como você sabe que é louco?

— Para começo de conversa — disse o Gato — um cachorro não é louco. Concorda?

— É, acho que sim — disse Alice.

— Pois bem... — continuou o Gato. — Você sabe que o cachorro rosna quando está bravo e abana o rabo quando está feliz. Mas eu faço o contrário: eu rosno quando estou feliz e abano o rabo quando estou bravo. Portanto, eu sou louco.

— Mas isso não é rosnar, é ronronar — disse Alice.

— Seja o que for — disse o Gato. — Você vai jogar *croquet* com a Rainha hoje?

— Até que eu gostaria muito — explicou a menina. — Mas ainda não fui convidada.

— A gente se vê por lá — disse o Gato. E desapareceu.

Alice não se surpreendeu muito com isso, pois já estava se acostumando a ver coisas esquisitas acontecendo. Ela estava ainda olhando para o local onde o Gato estivera, quando de repente ele apareceu de novo.

— A propósito, o que aconteceu com o bebê? — perguntou o Gato. — Eu já ia me esquecendo de perguntar.

— Virou um porco — Alice respondeu bem tranqüilamente, como se o retorno do gato tivesse acontecido de um modo natural.

— Eu achava que ia virar — comentou o Gato, e desapareceu de novo.

Alice esperou um pouco, meio que esperando que ele aparecesse novamente, mas ele não apareceu, e [illegible] ela caminhou em direção ao lugar onde a Lebre de Março deveria morar, segundo informações dadas pelo Gato.

— Já vi chapeleiros antes — pensou. — A Lebre de Março deve ser muito mais interessante! E, como estamos no mês de maio, pode até ser que ela já não esteja tão maluca da cabeça. Pelo menos, deve estar menos louca do que em março.

Dizendo isso, olhou para cima e lá estava o Gato de novo sentado num galho de uma árvore.

— Você disse porco ou figo? — perguntou o Gato.

— Eu disse porco — respondeu Alice — e gostaria que você não ficasse aparecendo e desaparecendo toda hora: deixa qualquer um zonzo.

CAPÍTULO [illegible]

Um chá maluco

Diante da casa havia uma mesa posta debaixo de uma árvore, onde a Lebre de Março e o Chapeleiro tomavam chá. Entre eles estava sentado um Esquilo, que dormia profundamente, e os outros dois o usavam como almofada, descansando os cotovelos sobre ele e conversando por cima de sua cabeça.

— Muito desconfortavel para o Esquilinho — pensou Alice. — Mas, como está dormindo, acho que não se incomoda.

A mesa era bem grande, mas os três estavam amontoados num dos cantos.

— Não tem lugar! Não tem lugar! — gritaram, logo que viram Alice chegando.

— Tem lugar sobrando! — disse Alice indignada. — E sentou-se numa poltrona grande à cabeceira da mesa.

— Tome um pouco de vinho — ofereceu a Lebre de Março num tom animador.

Alice passou uma olhada pela mesa toda, mas não havia nada além de chá.

— Não estou vendo nenhum vinho — observou.

— Mas não há nenhum — concordou a Lebre de Março.

— Então não foi muito educado de sua parte oferecer — disse Alice furiosamente.

— Você quer dizer que consegue achar a resposta? — terrogou a Lebre de Março.

— Exatamente — concordou a menina.

— Então você deveria dizer o que está pensando — prosseguiu a Lebre de Março.

— Tudo bem, eu digo — respondeu Alice prontamente —, elo menos... pelo menos eu estou pensando no que vou izer... o que é a mesma coisa, não é?

— De maneira alguma! — exclamou o Chapeleiro. — É omo se você dissesse que "vejo o que como" é a mesma coisa que "como o que vejo".

— Ou o mesmo que dizer que "gosto de tudo o que tenho" é o mesmo que "tenho tudo o que gosto" — explicou a Lebre.

— Ou o mesmo que dizer — acrescentou o Esquilo, que parecia estar falando dormindo — que "respiro quando durmo" é o mesmo que "durmo quando respiro".

— No seu caso, é a mesma coisa — afirmou o Chapeleiro.

E com isso a conversa murchou e o grupo ficou sentado em silêncio por um instante, enquanto Alice refletia sobre tudo que conseguia lembrar sobre corvos e escrivaninhas — o que não era muito.

O Chapeleiro foi o primeiro a quebrar o silêncio. Virou-se para Alice e perguntou:

— Que dia do mês é hoje?

Tinha tirado o relógio do bolso e estava meio inquieto olhando para ele, dando sacudidelas de vez em quando e levando-o à orelha.

Alice pensou um pouco e respondeu: — Dia quatro.

— Dois dias errado! — suspirou o Chapeleiro. — Eu disse que manteiga não iria funcionar no mecanismo! — acrescentou, olhando zangado para a Lebre de Março.

— Mas a manteiga era da *melhor* qualidade — assegurou a Lebre de Março humildemente.

— Sim, mas com a manteiga devem ter entrado algumas migalhas de pão — retrucou o Chapeleiro. — Você não devia ter usado a faca de pão.

— Eu não entendo o que quer dizer — revelou Alice.

— Claro que não — respondeu o Chapeleiro, jogando a cabeça insolentemente para trás. — Atrevo-me a dizer que você nunca falou com o Tempo!

— Talvez não — respondeu Alice, com cuidado. — Mas eu sei que tenho de entrar no tempo certo quando eu estudo uma música.

— Ah! Isso explica tudo — disse o Chapeleiro. — Ele não suporta esse tipo de coisas, como entrar sem pedir licença. Mas, se você se entendesse bem com ele, conseguiria quase tudo o que deseja por meio do seu relógio. Por exemplo, imagine que fossem nove horas da manhã, hora de começar a aula; era só você pedir baixinho uma ajuda ao Tempo e ele adiantaria o relógio num instante: uma e meia, hora da merenda!

— Queria que fosse, mesmo! — exclamou a Lebre de Março consigo mesma, num suspiro.

— É por isso que essa mesa está posta com um serviço de chá completo? — perguntou a menina.

— É isso mesmo — suspirou o Chapeleiro. — É sempre hora do chá, e não temos tempo para lavar a louça nos intervalos.

— Então, vocês ficam mudando de um lugar para o outro em círculos, não é? — disse Alice.

— Exatamente. Mudamos sempre que a louça está suja — explicou o Chapeleiro.

— Mas o que acontece quando vocês voltam de novo ao começo? — Alice se arriscou a questionar.

— Acho melhor a gente mudar de assunto — interrompeu a Lebre de Março, bocejando. — Já estou ficando cansada. Proponho que a jovem nos conte uma história.

— Acho que não sei nenhuma — lamentou-se Alice, meio alarmada com a proposta.

— Então, o Esquilo vai contar! — gritaram os dois. — Acorde, Esquilo!

E deram um beliscão de cada lado ao mesmo tempo.

O Esquilo abriu os olhos lentamente.

— Eu não estava dormindo — sussurrou com voz fraquinha e rouca. — Ouvi cada palavra que estavam dizendo.

— Conte-nos uma história! — pediu a Lebre de Março.

— Sim, por favor! — suplicou Alice.

— E tem de ser rápido — ordenou o Chapeleiro — ou você vai acabar dormindo de novo, antes que termine.

— Era uma vez três irmãzinhas — começou o Esquilo com grande pressa — que se chamavam Elsie, Lacie e Tillie e moravam no fundo de um poço...

— E como sobreviviam? — disse Alice, sempre interessada quando o assunto lembrava comida ou bebida.

— Comendo melado — respondeu o Esquilo, depois de pensar um pouco.

— Mas não deveriam, sabe? — observou Alice gentilmente. — Elas poderiam ficar doentes!

— E ficaram — disse o Esquilo. — Ficaram *muito* doentes.

Alice tentou imaginar como seria viver daquela maneira, mas ficou muito intrigada, e resolveu prosseguir:

— Mas por que elas viviam no fundo de um poço?

— Tome mais um pouco de chá — ordenou a Lebre de Março para Alice, muito seriamente.

— Mas eu ainda não bebi nada... — replicou Alice, ofendida. — Como é que posso tomar mais?

— *Menos*, você quer dizer — disse o Chapeleiro. — É muito mais fácil tomar *mais* do que nada.

— Ninguém pediu a *sua* opinião — disparou Alice.

— Quem é que está fazendo comentários pessoais agora? — ironizou o Chapeleiro, triunfante.

Alice não sabia o que responder, então se serviu de um pouco de chá e pão com manteiga, e depois virou-se para o Esquilo. e repetiu a pergunta:

— Mas por que elas viviam no fundo de um poço?

O Esquilo novamente esperou um pouco e depois respondeu: — Era um poço de melado.

— Mas isso não existe! — Alice estava começando a dizer, muito irritada, mas o Chapeleiro e a Lebre de Março logo fizeram "psiu! psiu!".

O Esquilo, muito mal-humorado, reclamou:

— Se não consegue ser educada, é melhor que você mesma termine a história.

— Não, por favor, prossiga! — suplicou Alice humildemente. — Eu não vou interrompê-lo outra vez. Ou, quem sabe, só mais uma vezinha...

— Mais uma vez? Ora, francamente! — indignou-se o Esquilo. Mesmo assim, resolveu continuar. — E essas três irmãzinhas... elas estavam aprendendo a tirar, compreendem...

— A tirar o quê? — perguntou Alice, esquecendo-se da promessa.

— Melado — disse o Esquilo, sem fazer nenhum comentário dessa vez.

— Quero uma xícara limpa — interrompeu o Chapeleiro. — Vamos todos mudar de lugar!

E, enquanto falava, sentou-se na cadeira seguinte. O Esquilo fez o mesmo, ocupando o lugar do Chapeleiro. A Lebre de Março foi para o lugar do Esquilo, e Alice, muito contrariada, sentou-se no lugar da Lebre de Março.

O Chapeleiro foi o único que levou vantagem com essa mudança. Alice ficou muito pior do que antes, porque a Lebre tinha despejado o leite da leiteira no pires.

Como Alice não queria ofender o Esquilo novamente, começou, com muito cuidado:

— Mas eu ainda não entendi uma coisa... De onde é que elas tiravam o melado?

— Pode-se tirar água de um poço de água, não pode? — interrogou o Chapeleiro. — Então, conclui-se que é possível tirar melado de um poço de melado, sua ignorante!

— Mas como? Elas não estavam *dentro* de um poço? — perguntou Alice ao Esquilo, preferindo não levar em conta o insulto.

— Claro que estavam — explicou o Esquilo. — E bem no fundo.

Essa resposta a deixou tão confusa que ela permitiu que o Esquilo continuasse sem fazer mais perguntas.

— Elas estavam aprendendo a tirar — prosseguiu o Esquilo, bocejando e esfregando os olhos, pois já estava ficando com sono. — E elas tiravam uma porção de coisas... Todas as coisas que começam com M...

— Por que com M? — perguntou Alice.

— E por que não? — adiantou-se a Lebre de Março.

Alice se calou.

A essa altura o Esquilo já tinha fechado os olhos e estava começando a tirar uma soneca. Mas, ao levar um beliscão do Chapeleiro, acordou novamente, soltando um guinchinho.

— Coisas que começam com M, como melancia, magnitude, memória e macaco. E como se diz por aí: "pode tirar o macaquinho da chuva"... Já viu coisa parecida, como tirar um macaco da chuva?

— Bom, já que perguntou — opinou Alice, muito confusa

— eu acho que seria cavalinho em vez de macaquinho. Nunca pensei...

— Se não pensa, não deveria falar — disse o Chapeleiro.

Essa grosseria foi além do que Alice poderia suportar. Então, ela levantou muito aborrecida e se retirou. O Esquilo caiu no sono na mesma hora, e nenhum dos outros dois percebeu que ela tinha saído. Alice ainda olhou para trás uma ou duas vezes, meio na esperança de que a chamassem de volta. E a última vez que os viu, eles estavam tentando enfiar o Esquilo dentro do bule de chá.

— Seja como for, lá eu não volto nunca mais! — resmungou Alice enquanto tomava seu rumo pela floresta afora. — Esse foi o chá mais maluco que já vi na vida!

Mal dissera essas palavras, notou que uma das árvores tinha uma porta que conduzia para dentro dela.

— Nossa, que coisa esquisita! — pensou. — Mas como está tudo esquisito mesmo, acho que vou entrar logo de uma vez.

E assim fez.

Novamente se viu num salão comprido e perto de uma mesinha de vidro.

— Dessa vez, vou me sair melhor — assegurou para si mesma. Pegou a pequena chave de ouro e destrancou a porta que dava para o jardim. Depois, mordiscou o cogumelo (tinha guardado um pedaço no bolso) até ficar com um palmo de altura e passou pela pequena passagem. Finalmente, encontrou-se no belo jardim, rodeada de canteiros de flores e fontes de água cristalina.

CAPÍTULO 8

O campo de *Croquet* da Rainha

Uma grande roseira crescia perto da entrada do jardim. As rosas eram brancas, mas três jardineiros estavam muito ocupados pintando-as de vermelho. Alice achou isso muito interessante e chegou mais perto para observá-los. Assim que se aproximou, ouviu um deles ordenar:

— Cuidado, Cinco! Não fique respingando tinta em mim desse jeito!

— Desculpe, não deu para evitar — disse o Cinco, num tom mal-humorado. — O Sete esbarrou no meu cotovelo.

O Sete levantou a cabeça e disse:

— Parabéns, Cinco! Sempre colocando a culpa nos outros!

— É melhor ficar calado! — mandou o Cinco. — Ainda ontem ouvi a Rainha dizer que você merecia ser decapitado!

— Por quê? — perguntou o que tinha falado primeiro.

— Não é da *sua* conta, Dois! — disse o Sete.

— É da conta dele, sim! — retrucou o Cinco. — E eu vou contar para ele... é porque levou bulbos de tulipa para a cozinha em vez de cebolas

O Sete atirou o pincel no chão e estava começando a dizer: "Bom, diante de todas essas injustiças...", quando seus olhos focalizaram Alice, ali, parada diante deles, observando-os.

De repente, deu uma olhada ao redor. Os demais [illegible]
mesmo, e todos se curvavam, com reverência.

— Poderiam me dizer — solicitou Alice, um pouco [illegible]
— por que estão pintando essas rosas?

O Cinco e o Sete não disseram nada, mas olharam para [illegible]
Dois, que começou, falando baixinho:

— Bom, senhorita, o fato é que aqui deveria ter sido p[illegible]
tada uma roseira de rosas *vermelhas*, e plantamos uma [illegible]
rosas brancas por engano. Se a Rainha descobrir, todos [illegible]
seremos decapitados. Assim sendo, senhorita, estamos dando
tudo de nós antes que ela chegue, para...

Nesse momento, o Cinco, que olhava apreensivamente
para o jardim, gritou:

— A Rainha! A Rainha!

Imediatamente os três jardineiros se jogaram de bruços no
chão. Ouviu-se um barulho de muitos passos, e Alice olhou
ao redor, ansiosa para ver a Rainha.

Primeiro, vieram dez soldados carregando bastões. Tinham
todos o mesmo formato dos três jardineiros: eram retangulares
e achatados, com mãos e pés nos cantos. Em seguida vinham
os dez cortesãos: estes estavam todos enfeitados com losangos
e caminhavam de dois em dois, como soldados. Depois, vi-
nham as crianças da família real: eram dez também, muito
graciosas, e também vinham aos pares, mãozinhas dadas,
saltitando alegremente. Estavam todas enfeitadas com cora-
ções. Atrás, seguiam os convidados, na maioria Reis e Rainhas,
e entre eles Alice reconheceu o Coelho Branco. Ele falava
apressadamente, como se estivesse nervoso, sorria para tudo
que lhe era dito, e passou por ela sem notar. Em seguida
aproximou-se o Valete de Copas, carregando a coroa do Rei
numa almofada de veludo vermelho. E no fim desse desfile
formidável, vinham o Rei e a Rainha de Copas.

Alice estava meio na dúvida se deveria se deitar de bruços
como fizeram os três jardineiros, e também não se lembrava
de ter ouvido algo sobre regras de comportamento em cortejos
reais.

— Além do mais, de que adianta um [illegible] — pensou — se todos têm de se deitar de [illegible] sem poder assistir?

Sendo assim, permaneceu onde estava, e esperou.

Quando o cortejo passou diante de Alice, todos pararam e olharam para ela, e a Rainha interrogou com severidade:

— Quem é essa aí?

A pergunta foi feita para o Valete de Copas, que apenas se curvou e sorriu em resposta.

— Para que tudo estivesse do agrado de Vossa Majestade, estávamos tentando...

— Ah! que, disse a Rainha, enquanto examinava as rosas:

— Compreendo... Cortem-lhes as cabeças!

E o cortejo prosseguiu, três dos soldados ficaram para trás para executar os infelizes dos jardineiros, que correram para Alice em busca de proteção.

— Vocês não serão decapitados! — garantiu a menina, e os colocou dentro de um vaso de flores bem grande que estava perto dela. Os três soldados procuraram por alguns minutos e em seguida marcharam calmamente para se reunir com os demais.

— Já lhes cortaram as cabeças? — gritou a Rainha.

— Suas cabeças rolaram, para a alegria de Vossa Majestade! — bradaram os soldados em resposta.

Gritou a Rainha:

— Muito bem! Você sabe jogar *croquet*?

Os soldados ficaram quietos e olharam para Alice, pois obviamente a pergunta era para ela.

— Sim! — exclamou Alice.

— Então, venha! — berrou a Rainha.

E Alice se juntou ao cortejo imaginando o que aconteceria a seguir.

— É... lindo dia, não? — falou uma voz tímida ao lado dela.

Ela estava caminhando emparelhada com o Coelho Branco, que a fitava meio aflito.

— Lindo mesmo... — concordou Alice. — Onde está a Duquesa?

— Psiu! — fez o Coelho, baixinho e bem depressa.

Enquanto falava, olhava ansiosamente por cima do ombro. Depois, ficou na ponta dos pés e cochichou no ouvido dela:

— Ela foi condenada à morte.

— Mas por quê? — perguntou Alice.

— Você disse "que pena"?! — perguntou o Coelho.

— Não — respondeu a menina. — Não sinto nenhuma pena dela. Só disse "por quê?".

— Ela deu um soco na orelha da Rainha
Coelho.

Alice deu uma gargalhada.

— Psiu! Silêncio! — cochichou o Coelho, assustado. Rainha pode ouvir! Sabe, a Duquesa chegou atrasada e a Rainha disse...

— Ocupem seus lugares! — esbravejou a Rainha voz de trovão.

E foi aquela correria. Era gente correndo para todo tropeçando uns nos outros. No entanto, cerca de um ou minutos, todos já estavam acomodados, e o jogo começou.

Alice pensou que nunca tinha visto um campo de croquet tão interessante em toda sua vida. Era cheio de protuberâncias e buracos. As bolas eram ouriços vivos e os bastões eram flamingos vivos. Os soldados tinham de se dobrar e se apoiar sobre os pés e as mãos para formar os arcos.

No começo, o que Alice achou mais difícil foi manejar flamingo dela. Até conseguiu ajeitar o corpo dele confortavelmente debaixo do braço, deixando as pernas penduradas, mas, na maioria das vezes, justamente quando conseguia esticar bem o pescoço dele para dar uma tacada no ouriço, o flamingo torcia-se todo e olhava para ela com uma expressão tão estranha, que Alice não conseguia evitar uma crise de risos. E quando finalmente ela conseguia abaixar a cabeça dele e estava recomeçando tudo de novo, via que o ouriço tinha se desenrolado e já estava saindo fora do lugar em que estava. Era de dar nos nervos! Além disso, sempre havia um buraco ou uma saliência na direção em que queria lançar o ouriço, e como os arcos formados pelos soldados dobrados estavam todo instante se levantando e mudando de lugar, Alice logo concluiu que aquele era realmente um jogo muito difícil.

Os jogadores jogavam todos ao mesmo tempo, sem esperar pela sua vez. Ficavam discutindo sem parar e disputando os ouriços. A Rainha ficava furiosa. A cada instante batia o pé e gritava: "Cortem-lhe a cabeça!", pelo menos uma vez por minuto.

Por isso, Alice começou a ficar preocupada. Até agora não tinha tido nenhum desentendimento com a Rainha, mas sabia que isso poderia acontecer a qualquer momento —, e nesse caso — pensou —, o que vai ser de mim? Eles têm um prazer mórbido em decapitar as pessoas por aqui. Não sei como ainda resta alguém vivo!

— É um amigo meu... é um Gato de Cheshire — re[illegible]. — Permita-me que eu lhe apresente.

— Não gosto nada do jeito dele — disse o Rei. — C[illegible] pode beijar minha mão se assim desejar.

— Prefiro não fazê-lo — observou o Gato.

— Ora, não seja impertinente — ordenou o Rei. — E pare de me olhar desse jeito!

E escondeu-se atrás de Alice enquanto falava.

— Mas "olhar não arranca pedaço" — filosofou A[illegible] — li isso em algum livro, mas não me lembro qual.

— Pois ordeno que o removam diante da minha [illegible] — determinou o Rei, muito decidido, e chamou a Ra[illegible] que estava passando nesse mesmo instante. — Querida! G[illegible] que alguém desse um sumiço nesse gato!

A Rainha, que só tinha uma maneira de res[illegible] problemas, grandes ou pequenos, gritou sem perda de tem[illegible]

— Cortem-lhe a cabeça!

— Eu vou buscar o carrasco pessoalmente — [illegible] Rei muito animado, e saiu apressadamente.

Alice achou que era melhor voltar e ver como esta[illegible] jogo, quando ouviu a voz da Rainha a distância, [illegible] fúria. Ela, que já tinha presenciado a Rainha [illegible] jogadores à execução por terem perdido a vez na partida, [illegible] estava gostando nada do rumo que as coisas esta[illegible] porque o jogo tinha virado uma confusão tão grande que [illegible] jamais saberia se era a sua vez de jogar, ou não. E[illegible] em busca de seu ouriço.

O ouriço estava envolvido numa briga com outro ouriço, o que pareceu a Alice uma excelente oportunidade para lançar um contra o outro, numa só tacada. O único problema era que o flamingo dela já tinha ido para o outro lado do campo, onde Alice podia vê-lo, em desespero, tentando alçar vôo para cima de uma árvore.

Quando conseguiu agarrar o flamingo e tra[illegible] a briga já tinha acabado e os dois ouriços já hav[illegible] de vista.

— Mas isso não tem lá muita importância — pensou Alice — porque os arcos também não estão mais deste lado do campo.

Então ela colocou o flamingo debaixo do braço, para que ele não fugisse novamente, e voltou para conversar um pouco mais com o amigo.

Quando se aproximou do Gato de Cheshire, ficou surpresa com a grande multidão aglomerada em volta dele. Havia uma grande discussão entre o carrasco, o Rei e a Rainha, que falavam todos ao mesmo tempo, enquanto os demais esperavam em silêncio, e pareciam muito constrangidos com a situação.

Assim que Alice apareceu, os três apelaram para que ela resolvesse o problema. Ficaram repetindo seus argumentos para ela, mas como todos falavam ao mesmo tempo, achou realmente muito difícil entender o que estavam dizendo.

O argumento do carrasco era o de ser impossível cortar a cabeça de alguém a menos que houvesse um corpo do qual ela pudesse ser cortada, e que nunca tinha feito uma coisa dessas na vida e não ia ser agora que ele iria fazer.

O argumento do Rei era que tudo que tivesse cabeça poderia ser decapitado, e que o resto não passava de conversa fiada.

O argumento da Rainha era que se nada fosse feito logo para resolver aquela situação, ela ia mandar cortar a cabeça de todo mundo. (E foi essa última observação que provocou ansiedade e preocupação entre os presentes.)

Alice não conseguia pensar em nada melhor para dizer, além de:

— Ele pertence à Duquesa: é melhor perguntarem a ela.

— Ela está na prisão — disse a Rainha ao carrasco: — Traga-a aqui! — E o carrasco saiu, voando como uma flecha.

Assim que o carrasco partiu, a cabeça do Gato começou a desaparecer, e assim que ele estava de volta com a Duquesa, ela já tinha desaparecido completamente. O Rei e o carrasco começaram a correr de um lado para o outro, à procura dela, enquanto os demais voltavam para o jogo.

CAPÍTULO 9

A história da Tartaruga Falsa

— Você nem imagina como estou feliz por revê-la, minha querida! — exclamou a Duquesa enquanto dava o braço afetuosamente para Alice. E assim saíram, caminhando juntas.

Alice ficou muito feliz por encontrar a Duquesa tão bem humorada, e pensou que talvez tivesse sido por causa da pimenta o extremo mau humor dela quando se encontraram na cozinha.

— Quando eu for Duquesa — prometeu Alice para si mesma (mas num tom não muito promissor) — não vou querer *nenhuma* pimenta na minha cozinha. Dá muito bem para se tomar sopa sem pimenta. Talvez seja ela que deixe as pessoas tão zangadas.

E prosseguiu, muito satisfeita por ter descoberto uma espécie de regra nova:

— E o vinagre deixa as pessoas azedas... e a camomila as torna amargas... e... e as balas de cevada e coisas desse tipo é que fazem as crianças boazinhas. Eu gostaria tanto que as pessoas soubessem disso. Assim não seriam tão pão duras, porque...

A essa altura já tinha até esquecido da Duquesa, e levou um susto quando ouviu a voz dela perto do seu ouvido.

— Você está pensando em algo, querida, e isso faz você esquecer de conversar. Nesse exato momento, não posso lhe dizer qual é a moral disso, mas logo vou lembrar.

— Talvez não exista moral alguma — Alice ou[illegible] observar.

— Ora, criança, tudo tem uma moral, é só a gente de[illegible] — afirmou a Duquesa.

Enquanto falava, chegou mais perto de Alice, que nã[illegible] gostou nada disso: primeiramente porque a Duquesa era mui[illegible] feia; e depois, porque tinha a altura exata para apoiar se[illegible] queixo pontiagudo no ombro dela, e isso era muito incômodo. Contudo, ela não queria ser mal-educada, e foi suportando at[illegible] onde conseguia.

— O jogo está melhorando agora — disse, a fim de da[illegible] prosseguimento à conversa.

— É mesmo — concordou a Duquesa. — E a moral disso é: "Oh, é o amor, é o amor que faz o mundo girar".

— Alguém já disse — sussurrou a menina — que ele gira quando cada um cuida da sua própria vida!

— Bom, é quase a mesma coisa — concluiu a Duquesa, enterrando seu pequeno queixo pontiagudo no ombro de Alice, enquanto acrescentava: — E a moral disso é: "Cuide do sentido que os sons cuidam de si mesmos".

— Como ela gosta de achar moral em tudo! — pensou Alice.

— Aposto que você está se perguntando por que é que eu não coloco meu braço em torno da sua cintura — disse a Duquesa após uma pausa. — O motivo é que estou meio receosa quanto ao temperamento do seu flamingo. Devo tentar?

— Ele *pode* dar uma bicada — replicou Alice, com cautela, não se sentindo nem um pouco ansiosa para que a tentativa fosse feita.

— É verdade — confirmou a Duquesa — Flamingos e mostarda são picantes. E a moral disso é "Diga-me com quem andas, e eu te direi quem és".

— Só que pássaro é um animal e mostarda... — observou Alice.

— Você está certa, como sempre — interrompeu a Duquesa. — E sabe fazer suas colocações com muita clareza[1]

meçou a tremer. Alice olhou para cima e lá estava a Rainha diante delas, com seus braços cruzados e fazendo uma cara de dar medo.

— Lindo dia, Majestade! — cumprimentou a Duquesa, com a voz baixa e fraquinha.

— Vou lhe dar um aviso — gritou a Rainha, batendo o pé no chão enquanto falava. — Ou você ou a sua cabeça deve sumir daqui imediatamente. Você decide.

A Duquesa fez logo sua escolha e desapareceu num instante.

— Vamos prosseguir com o jogo — ordenou a Rainha para Alice.

A menina estava com tanto medo que não disse uma só palavra, apenas seguiu para o campo de *croquet* logo atrás da Rainha.

Os outros convidados aproveitavam a ausência da Rainha para descansar na sombra. Mas assim que a viram, trataram logo de voltar ao jogo. Ela, porém, deixou bem claro que um segundo de atraso lhes custaria a vida.

Durante todo o tempo que jogavam, a Rainha não parava de discutir com os outros jogadores, e gritava a toda hora: — Cortem-lhe a cabeça!

Os sentenciados ficavam detidos sob a guarda de soldados, que obviamente tinham de abandonar seus postos no jogo, deixando de ser arcos. Dessa maneira, depois de meia hora já não restava mais nenhum arco, e todos os jogadores, com exceção da Rainha, do Rei e de Alice, estavam presos e condenados à execução. Então a Rainha resolveu parar de jogar, já quase sem fôlego, e perguntou para Alice:

— Você conhece a Tartaruga Falsa?

— Não — respondeu Alice. — E não faço a menor ideia do que seja.

— É uma coisa que se usa para fazer Sopa de Tartaruga Falsa — explicou a Rainha.

— Pois nunca vi e nem ouvi falar de coisa parecida — replicou Alice.

— Então, venha — disse a Rainha — e ela há de lhe contar sua história.

Enquanto se afastavam juntas, Alice ouviu o Rei dizer baixinho a todos os presentes:

— Considerem-se todos perdoados.

"Ora, até que enfim uma coisa boa!" — pensou Alice, que estava bem triste por causa de tantas execuções que a Rainha tinha ordenado.

Logo toparam com um Grifo, deitado sob o sol, no maior sono. [Se você não souber o que é um grifo, dê uma olhada na ilustração.]

— Levante-se, coisa preguiçosa! — mandou a Rainha. — Conduza esta jovem até a presença da Tartaruga Falsa para que ela a conheça e ouça a sua história. Quanto a mim, tenho de voltar para assistir a algumas execuções, que eu mesma ordenei.

E partiu, deixando Alice sozinha com o Grifo. Alice não gostou nada do aspecto daquela criatura, mas acabou chegando à conclusão de que estava tão segura ao lado do Grifo quanto estivera ao lado da Rainha malvada. Por isso, resolveu esperar.

— Por que é que a chamavam de Jabotina, se era uma Tartaruga? — questionou Alice.

— Porque ela assim nos ensinou — respondeu a Tartaruga Falsa, irritada. — Ora, você é realmente muito inconveniente.

— Deveria se envergonhar de fazer uma pergunta dessas — completou o Grifo.

E os dois ficaram sentados lado a lado, em silêncio, encarando a pobrezinha da Alice, que a essa altura queria mais era enterrar a cabeça na terra de tanta vergonha. Finalmente o Grifo solicitou à Tartaruga Falsa:

— Vamos, amiga, continue! Não vamos passar o dia todo nisso!

E ela prosseguiu, com as seguintes palavras:

— Sim, nós fomos para a escola do mar, mesmo que você duvide disso...

— Mas eu não disse que duvidava! — interrompeu Alice.

— Disse sim! — argumentou a Tartaruga Falsa.

— Ora, cale a boca! — acrescentou o Grifo, antes que Alice falasse novamente.

A Tartaruga Falsa continuou:

— Tivemos a melhor educação possível. Para falar a verdade, íamos à escola todos os dias.

— Eu também ia à escola todos os dias — lembrou-se Alice. — Isso não é motivo suficiente para se orgulhar tanto...

— E você tinha aulas extras? — perguntou a Tartaruga Falsa, meio apreensiva.

— Claro! Tinha aulas de francês e de música.

— E de lavar roupa, tinha? — insistiu a Tartaruga Falsa.

— Claro que não! — respondeu Alice indignada.

— Ah, então a sua escola não era tão boa assim — concluiu a Tartaruga Falsa, aliviada. — Pois na nossa vinha bem no fim da conta da mensalidade: "Aulas extras: aula de francês, aula de música e aula de lavar roupa".

— E no seu caso, essas aulas eram desnecessárias — observou Alice — já que morava no fundo do mar.

— Mas não pude bancar essa aula... — lamentou-se a

CAPÍTULO 10

A quadrilha das Lagostas

A Tartaruga Falsa suspirou fundo, e passou as costas de uma de suas patas pelos olhos. Olhou para Alice e tentou falar, mas durante um ou dois minutos ficou com a voz embargada pelos soluços.

— É como se tivesse um osso atravessado na garganta — explicou o Grifo, e começou a sacudi-la e dar pancadas nas costas dela.

Finalmente, a Tartaruga Falsa recobrou a voz e, com lágrimas escorrendo pelas bochechas, recomeçou:

— Pode ser que você nunca tenha vivido no fundo do mar (“E não vivi”, pensou Alice.)

— E talvez nunca tenha sido apresentada a uma lagosta (Alice ia dizer: “Uma vez experimentei...”, mas conteve-se a tempo e falou apenas: “Não, nunca”.)

— Por isso, não pode imaginar que coisa deliciosa é uma Quadrilha de Lagostas!

— Não mesmo. Que tipo de dança é? — interessou-se Alice.

— Bem, primeiro se forma uma fileira ao longo da praia — disse o Grifo.

— Duas fileiras! — exclamou a Tartaruga Falsa. — Focas, tartarugas, salmões, e por aí afora. Depois, quando você já tiver limpado o caminho, removendo todas as águas-vivas...

— O que demora algum tempo... — interrompeu o Grifo.

— Dá dois passos para a frente... — continuou a Tartaruga Falsa.

— E cada um formando par com uma lagosta! — gritou o Grifo.

— Mas é claro! — exclamou a Tartaruga Falsa. — Dois passos para frente, ficar na frente do par, e balanceio!

— Trocar de lagosta, e voltar ao seu lugar... — prosseguiu o Grifo.

— Agora — continuou a Tartaruga Falsa — cada um vai

mar.

— As lagostas! — gritou o Grifo, dando uma cambalhota.

— O mais longe que puder... Lá no fundo do mar!

— E atrás delas vamos nadar! — esgoelou-se o Grifo.

— Dando uma pirueta no mar! — bradou a Tartaruga Falsa, desvairada, fazendo mil travessuras.

— E trocar de lagosta de novo, comadre! — berrou o Grifo, com toda a força de seus pulmões.

— E voltar para a terra, compadre! E a primeira figura está formada, minha gente... — disse a Tartaruga Falsa, baixando a voz de repente.

E as duas criaturas, que durante todo esse tempo estiveram pulando para lá e para cá feito duas malucas, se sentaram novamente, muito tristonhas e quietas, e olharam para Alice.

— Deve ser uma dança muito bonita — elogiou ela, timidamente.

— Gostaria de assistir um pouquinho dela? — perguntou a Tartaruga Falsa.

— Gostaria muito mesmo! — respondeu Alice.

— Venha, vamos experimentar a primeira figura! — convidou a Tartaruga Falsa para o Grifo. — Dá para fazer sem lagostas, sabe? Quem vai cantar?

— Você canta — disse o Grifo. — Eu esqueci a letra.

E começaram a dançar solenemente, dando voltas e viravoltas em torno de Alice e, de vez em quando, pisando no pé dela quando passavam muito perto, enquanto acenavam com as patas da frente para marcar o compasso. Aí, a Tartaruga Falsa começou a cantar bem devagar e tristemente:

— Vamos, vamos, ligeirinho! — disse a merluza ao caracol.
Lá vem o boto, apressado, pisando meu calcanhar.
As lagostas e tartarugas também já dançam sob o sol.
A quadrilha das Lagostas nos espera! Quer comigo bailar?
Vai ou não vai; vai, vai, vai: Venha comigo bailar!
Vai ou não vai; vai, vai, vai; Venha comigo dançar!

— É mesmo? — surpreendeu-se Alice.

— Claro! — exclamou a Tartaruga Falsa. — Se um peixe viesse me contar que estava indo viajar, eu perguntaria: "Com que boto?"

— E por quê? — insistiu a menina em perguntar.

— Porque ele está sempre *embotido* em tudo, ora... — respondeu a Tartaruga Falsa.

— Não quer dizer "embutido?" — disse Alice.

— Eu quero dizer o que digo e pronto! — replicou a Tartaruga Falsa, sentindo-se ofendida.

E o Grifo acrescentou:

— Vamos, agora é sua vez de falar sobre suas aventuras.

— Pois então vou contar a vocês sobre minhas aventuras, começando por hoje de manhã — falou Alice um pouco tímida. — Porque não adianta nada voltar ao dia de ontem... Eu era uma pessoa diferente, sabe?

— Como? Explique isso! — mandou a Tartaruga Falsa.

— Não, não! As aventuras primeiro! — ordenou o Grifo, com impaciência. — Explicações tomam um tempo terrível.

Então Alice começou a contar suas aventuras desde o instante em que viu o Coelho Branco pela primeira vez. No começo estava um pouco nervosa, porque as duas criaturas foram chegando muito perto dela para ouvir, uma de cada lado, e abriam *tanto* os olhos e as bocas; mas aos poucos foi ganhando coragem. Seus ouvintes estavam totalmente quietos até ela chegar àquela parte em que recitara "Terezinha de Jesus" para a Lagarta e as palavras tinham saído todas diferentes. Aí a Tartaruga Falsa respirou fundo e disse:

— Isso é muito interessante!

— Eu diria que é tão interessante quanto possa ser — completou o Grifo.

— Saiu tudo diferente — repetiu a Tartaruga Falsa, pensativa. — Agora, gostaria de ouvi-la recitando alguma coisa. Mande-a começar.

Olhou para o Grifo, como se achasse que ele tinha algum tipo de autoridade sobre Alice.

— Levante-se e recite "Caranguejo não é peixe" — ordenou o Grifo.

— Como essas criaturas gostam de dar ordens e mandar a gente recitar! — pensou Alice. — Parece até que eu estou na escola.

Entretanto, ela se levantou e começou a recitar, mas a cabeça dela estava tão cheia com a tal da Quadrilha das Lagostas,

que ela mal sabia o que estava dizendo, e as palavras saíram realmente muito esquisitas.

Caranguejo parece peixe.
Parece peixe, mas não é
Caranguejo só é peixe.
Se dançar na ponta do pé.

— Está bem diferente do que eu costumava recitar quando era criança — comentou o Grifo.

— Bem, eu nunca ouvi isso antes — afirmou a Tartaruga Falsa. — Mas parece uma tolice sem tamanho.

Alice não disse uma palavra. Sentou-se e escondeu o rosto com as mãos, imaginando se *algum dia* as coisas voltariam ao normal.

— Eu gostaria de uma explicação — pediu a Tartaruga Falsa.

— Ela não sabe explicar — observou o Grifo impacientemente. — Prossiga! Passe para o verso seguinte.

— Mas, sobre o caranguejo dançar na ponta do pé... — insistiu a Tartaruga Falsa. — Se ele tem tantas pernas, como é possível?

— É que essa é uma posição obrigatória no balé — respondeu Alice completamente desorientada com tudo aquilo e querendo mudar de assunto o mais rápido possível.

— Continue com o próximo verso — repetiu o Grifo, apressado —, comece com "palma, palma, palma".

Alice não se arriscou a desobedecer, embora estivesse certa de que sairia tudo errado de novo, e continuou com a voz trêmula

Vamos bater palma,
Vamos bater pé
Ao final da dança,
Caranguejo faz plié[3]

---

[3] "Flexão". Movimento que se faz com o joelho no balé. (N. do E.)

— De que adianta ficar recitando toda essa baboseira — interrompeu a Tartaruga Falsa — se você não pára para explicar cada verso? É a coisa mais confusa que já ouvi!

— É mesmo. Acho melhor você parar — concordou o Grifo. E se alguém ficou feliz com essa idéia, com certeza foi Alice.

— Vamos tentar mais uma figura da Quadrilha das Lagostas? — continuou o Grifo. — Ou você gostaria que a Tartaruga Falsa cantasse mais uma música?

— Ah, mais uma música, por favor, se ela puder fazer essa gentileza.

Alice respondeu tão animada que o Grifo disse, muito ofendido:

— Bem, gosto não se discute, não é... Vamos, companheira, cante "Sopa de Tartaruga". Pode ser?

A Tartaruga Falsa suspirou profundamente, e começou a cantar, com a voz embargada de tanto soluçar:

Com o prato e a colher,
Só não come quem não quer,
Essa sopinha tão saborosa,
Que é a nossa sopa do jantar.
Quem é que pode dispensar?
Quem é que po-o-o-de dispensar!
Quem é que po-o-o-de dispensar!
Essa soooopinha gostosinha!
Essa soooopinha tão quentinha!

E com uma sopa dessas, minha gente,
Quem se importa com a sobremesa?
Quem se importa com a dor de dente?
Uma sopinha quentinha, ou, ou, ou...
E a dor de dente já passou.
Uma bela de uma sopa, ou, ou, ou...
E comer agora eu vou!

CAPÍTULO 11

Quem roubou as tortas?

Quando os dois chegaram, o Rei e a Rainha de Copas estavam sentados em seus tronos, com uma grande multidão em volta deles. Ali se encontrava presente todo tipo de ave e bicho, bem como o baralho completo. O Valete estava de pé, diante deles, acorrentado, com um soldado de cada lado para vigiá-lo. Perto do Rei estava o Coelho Branco, com uma trombeta em uma das mãos e um rolo de pergaminho na outra. Bem no centro do tribunal havia uma mesa, com uma travessa bem grande de tortas sobre ela. Pareciam tão deliciosas que Alice ficou com água na boca só de olhar.

— Seria bom se terminassem logo com esse julgamento — refletiu — e servissem um belo lanche!

Mas como isso não parecia muito possível, começou a observar tudo à sua volta, para ver se o tempo passava mais depressa.

Alice nunca estivera num tribunal de justiça antes, mas já tinha lido sobre isso em livros, e ficou muito contente por ver que sabia o nome de quase tudo ali.

— Aquele é o juiz — disse consigo mesma — por causa da peruca.

Bem a propósito, o juiz era o próprio Rei. Como ele usava a coroa por cima da peruca, não parecia estar muito à vontade, e com toda certeza não estava vestido apropriadamente.

— E aquela é a banca dos jurados — pensou Alice — e aquelas doze criaturas — (foi obrigada a dizer "criaturas", porque ali havia animais e aves) — suponho que sejam os jurados.

Ela repetiu essas últimas palavras umas duas ou três vezes, muito orgulhosa de si, pois achava, e com toda razão, que pouquíssimas garotas da idade dela sabiam o significado de tudo aquilo. Mas "membros do júri" também estaria correto.

Os doze jurados estavam todos muito ocupados escrevendo em suas tabuletas.

— O que é que estão fazendo? — Alice cochichou ao Grifo. — Não podem ter nada para escrever ainda, pois o julgamento nem começou...

— Estão escrevendo seus nomes — sussurrou o Grifo em resposta —, pois temem esquecê-los até o fim do julgamento.

— Mas que burrice! — Alice começou a dizer em voz alta e num tom de indignação, mas parou de repente, porque o Coelho Branco bradou:

— Silêncio no tribunal!

E o Rei colocou seus óculos e olhou ansioso ao redor para descobrir quem estava falando.

Alice pôde ver, tão bem como se estivesse olhando por cima dos ombros deles, que todos os jurados estavam escrevendo "mas que burrice!" em suas tabuletas. Dava até para ver que um deles não sabia escrever "burrice", e que teve de perguntar ao colega do lado.

— Que bagunça danada vão ficar essas tabuletas até o fim desse julgamento! — pensou Alice.

Um dos jurados tinha um giz que rangia. E isso, é claro, Alice não pôde suportar. E lá se foi ela: deu a volta no tribunal, pôs-se atrás dele e logo achou um jeito de dar um sumiço no giz. E fez isso tão rapidamente que o pobrezinho do jurado (era Bill, o lagarto) nem percebeu o que havia acontecido. Ficou meio perdido, procurando-o por toda parte e, afinal, viu-se obrigado a escrever com o dedo pelo resto do dia, o que foi totalmente inútil, porque não ficava marca nenhuma na tabuleta.

— Arauto, leia a acusação! — ordenou o Rei.

Nessa hora o Coelho Branco tocou três vezes a trombeta, desenrolou o pergaminho e leu o seguinte:

A Rainha de Copas
Fez algumas tortas
Num belo dia de verão.
O Valete de Copas
Roubou as tortas
E nem deu satisfação.

— E qual é o veredito? — questionou o Rei ao júri.

— Não! Ainda não! — interrompeu o Coelho, apressadamente. — Ainda não foram cumpridos todos os procedimentos!

— Que entre a primeira testemunha — mandou o Rei. O Coelho Branco tocou três vezes a trombeta e bradou:

— Primeira testemunha!

A primeira testemunha era o Chapeleiro. Ele entrou com uma xícara de chá numa das mãos e uma fatia de pão com manteiga na outra.

— Desculpe, Majestade — começou —, por trazer isso, mas ainda não tinha terminado meu chá quando recebi a convocação.

— Mas já deveria ter terminado — advertiu o Rei. — Quando foi que começou?

O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março, que o havia

acompanhado ao tribunal, de braço dado com o Esquilo, e respondeu:

— No dia catorze de março, creio eu.

— Quinze — corrigiu a Lebre de Março.

— Dezesseis — acrescentou o Esquilo.

— Anotem isso! — ordenou o Rei ao júri, e os jurados escreveram animadamente as três datas em suas tabuletas. Depois somaram tudo e converteram o resultado em Real e Dólar.

— Tire o seu chapéu! — mandou o Rei ao Chapeleiro.

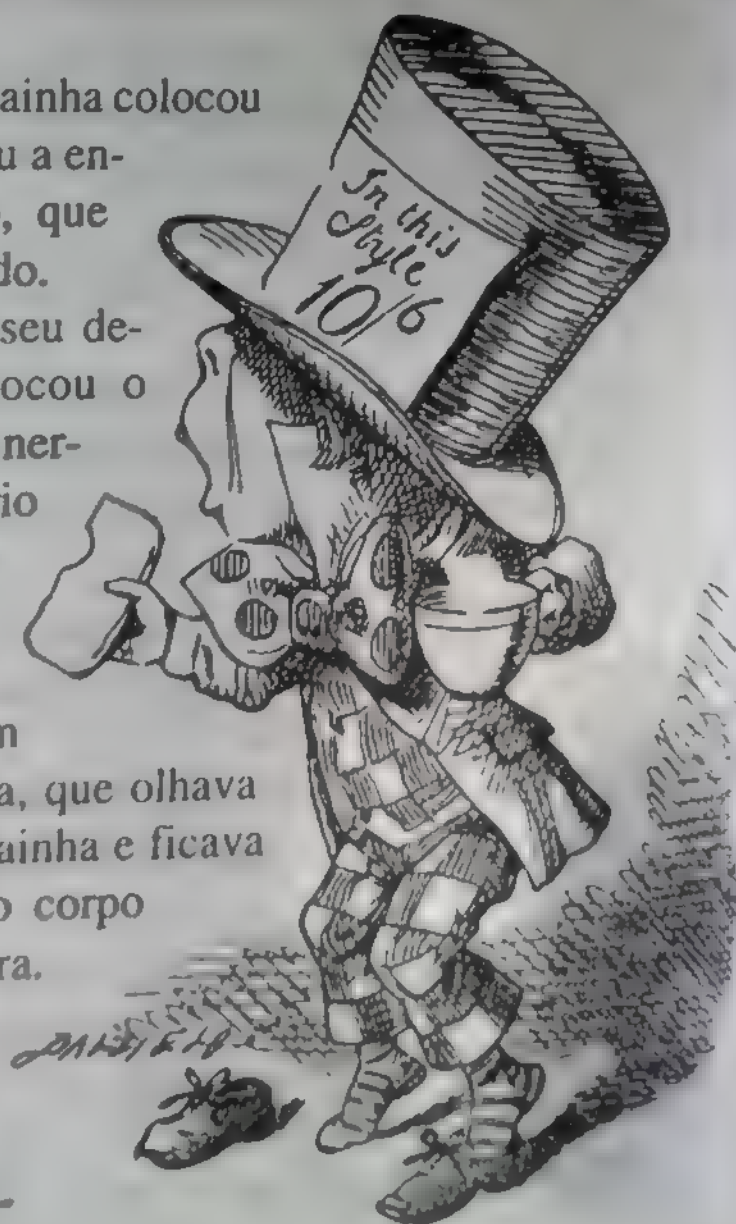
— Mas não é meu — disse o Chapeleiro.

— Então, é *roubado*! — exclamou o Rei, virando-se para os jurados, os quais imediatamente registraram o fato.

— Eu vendo chapéus — explicou o Chapeleiro. — Nenhum deles me pertence. Eu sou um chapeleiro.

Nesse ponto, a Rainha colocou os óculos e começou a encarar o Chapeleiro, que ficou pálido e agitado.

— Apresente o seu depoimento — convocou o Rei. — E nada de nervosismo, do contrário será executado agora mesmo.

Isso parece não ter surtido nenhum efeito na testemunha, que olhava apreensivo para a Rainha e ficava apoiando o peso do corpo numa perna e na outra. Na confusão em que estava, acabou mordendo a xícara em vez

de morder o pão com manteiga, e arrancou um bom pedaço fora.

Nesse exato momento, Alice sentiu uma sensação estranha, que a deixou intrigada até descobrir o que era: ela estava começando a crescer novamente. Primeiro pensou que deveria se levantar e sair do tribunal. Mas depois decidiu permanecer onde estava, enquanto houvesse espaço suficiente para ela.

— Pare de me apertar! — pediu o Esquilo, que estava sentado ao lado dela. — Eu mal posso respirar.

— Não posso evitar — desculpou-se Alice humildemente. — Estou crescendo.

— Você não tem permissão para crescer aqui dentro.

— Não diga besteiras — disse Alice, ousadamente. — Não sabe que também está crescendo?

— É, mas cresço num ritmo moderado — explicou o Esquilo. — E não dessa maneira escandalosa...

Ele se levantou, muito aborrecido, atravessou o tribunal de fora a fora, e foi acomodar-se do outro lado.

Durante todo esse tempo, a Rainha não perdera o Chapeleiro de vista e, justamente quando o Esquilo estava atravessando o tribunal, disse a um dos funcionários:

— Traga-me a lista dos cantores do último concerto!

Ao ouvir isso, o infeliz do Chapeleiro ficou tão nervoso, que acabou arrancando os sapatos.

— Apresente seu depoimento — repetiu o Rei, muito zangado — ou o mando executar, esteja nervoso ou não.

— Sou um pobre coitado, Majestade — começou o Chapeleiro, com voz trêmula —, e ainda não tinha começado o meu chá... não tem nem uma semana... e com a escassez de pão com manteiga... e o bruxuleio da fumaça da chaleira

— O bruxo veio? Que bruxo? — perguntou o Rei

— Bruxuleio — corrigiu o Chapeleiro.

— Claro, o bucho cheio! Você quer mesmo é [illegible] bucho, não é? — disse o Rei rispidamente. — Pensa que sou um idiota? Prossiga!

— Sou um pobre coitado — continuou o Chapeleiro

muitas outras coisas ficaram estranhas depois daquilo... mas a Lebre de Março disse que...

— Eu não disse nada! — interrompeu a Lebre de Março, sem perda de tempo.

— Disse sim! — replicou o Chapeleiro.

— Eu nego! — exclamou a Lebre de Março.

— Ela nega! — repetiu o Rei. — Não registrem isso!

— Bom, de qualquer forma, o Esquilo disse que... — o Chapeleiro prosseguiu, olhando ansiosamente para os lados para ver se ele negaria também. Mas o Esquilo não negou nada, pois estava dormindo pesado.

— Depois daquilo — prosseguiu o Chapeleiro —, eu cortei mais algumas fatias de pão e passei manteiga...

— Mas o que foi que o Esquilo disse? — um dos jurados perguntou.

— Disso eu não me lembro — respondeu o Chapeleiro.

— *Tem* de se lembrar, ou será executado! — observou o Rei.

O pobre Chapeleiro deixou cair a xícara de chá e o pão com manteiga, ficou de joelhos, e suplicou:

— Sou um pobre coitado, Majestade...

— E um pobre orador também... — acrescentou o Rei.

Nesse momento um dos porquinhos-da-índia aplaudiu, mas foi imediatamente sufocado pelos funcionários do tribunal. (Como essa expressão pode deixar dúvidas, vou explicar como isso foi feito: eles tinham um saco de lona bem grande, que se fechava na boca com um barbante. Enfiaram o porquinho-da-índia dentro do saco, de cabeça para baixo, amarraram e sentaram em cima.)

— Foi proveitoso ter presenciado essa cena — pensou Alice. — Já vi esse tipo de notícia em jornais e revistas: "No final do julgamento houve uma tentativa de manifestação, que foi imediatamente sufocada pelos funcionários do tribunal". Mas nunca entendi o que isso queria dizer.

— Se isso é tudo o que tem a declarar, pode descer — prosseguiu o Rei.

— Não posso descer mais, pois já estou no chão — observou o Chapeleiro.

— Então, pode se sentar — replicou o Rei.

Nesse momento outro porquinho-da-índia manifestou-se com aplausos e foi também sufocado.

— Bom, acabaram-se os porquinhos-da-índia! — concluiu Alice. — Agora pode ser que as coisas caminhem.

— Eu gostaria de terminar o meu chá — disse o Chapeleiro lançando um olhar de aflição para a Rainha, que já estava lendo a lista dos cantores.

— Pode ir! — concordou o Rei. E o Chapeleiro se retirou do tribunal com tanta pressa que mal parou para colocar os sapatos.

— E cortem-lhe a cabeça, lá fora mesmo... — acrescentou a Rainha a um dos funcionários. Mas o Chapeleiro já tinha sumido de vista antes que o funcionário conseguisse chegar até a porta.

— Que entre a próxima testemunha! — bradou o Rei.

A próxima testemunha era a cozinheira da Duquesa, que vinha trazendo na mão um vidrinho de pimenta. Mas Alice já

adivinhara quem era, mesmo antes que ela entrasse no tribunal, porque todo mundo que estava perto da porta começou a espirrar.

— Apresente seu depoimento! — ordenou o Rei.

— Não quero! — retrucou a cozinheira.

O Rei olhou para o Coelho Branco, que disse baixinho:

— Vossa Majestade deve interrogar severamente essa testemunha.

— Bom, se devo, devo — disse o Rei, com um ar melancólico.

Cruzou os braços e fechou tanto a cara, que os olhos quase desapareceram. Então, voltou-se para a cozinheira e perguntou, num tom grave:

— De que são feitas as tortas?

— De pimenta, principalmente — respondeu a cozinheira.

— De melado... — disse uma voz sonolenta atrás dela.

— Prendam esse Esquilo! — gritou a Rainha, com voz estridente. — Cortem-lhe a cabeça! Sumam com ele daqui! Sufoquem-no! Belisquem-no! Arranquem-lhe os bigodes!

Por alguns minutos o tribunal virou uma balburdia. Todo mundo saiu correndo atrás do Esquilo e, quando finalmente se aquietaram, a cozinheira já tinha sumido.

— Não faz mal — disse o Rei, aparentando grande alívio. — Que entre a próxima testemunha.

E acrescentou, baixinho, para a Rainha:

— Francamente, minha querida, você deve interrogar a próxima testemunha. Isso já está me dando dores de cabeça!

Alice ficou observando o Coelho Branco enquanto ele desenrolava a lista. Ela estava muito curiosa para saber quem seria a próxima testemunha. E disse consigo mesma:

— Isso porque eles *ainda* não reuniram provas suficientes.

Imaginem qual não foi sua surpresa quando o Coelho Branco leu, forçando sua vozinha o máximo que podia:

— Alice!

CAPÍTULO 12

O depoimento de Alice

— Estou aqui! — gritou Alice. Na empolgação do momento, saiu toda atrapalhada, se esquecendo do quanto tivera crescido nos últimos minutos, e acabou derrubando a banca dos jurados com a barra da saia, deixando todos de pernas para o ar. E lá ficaram, esparramados, fazendo com que ela se lembrasse de um aquário de peixinhos dourados que tinha derrubado acidentalmente na semana anterior.

— Desculpem-me, por favor... — suplicou Alice, desalentada, e começou a recolhê-los do chão o mais rápido que podia, pois não conseguia tirar da cabeça o incidente dos peixinhos, e lhe parecia que se ela não os colocasse rapidamente na banca dos jurados, todos iriam morrer.

— O julgamento não pode prosseguir — bradou o Rei num tom solene — até que os jurados retornem aos seus devidos lugares... *todos*! — repetiu com grande ênfase, olhando severamente para Alice enquanto falava.

Alice olhou para a banca dos jurados e notou que, na pressa, tinha colocado o Lagarto de cabeça para baixo, e o pobrezinho ficava abanando o rabo, em agonia, incapaz de mover qualquer outra parte do corpo. Ela rapidamente consertou o que fez, dizendo para si mesma:

— Mas isso não vai fazer muita diferença, porque, tanto

de cabeça para cima como para baixo, acredito que ele não será muito útil nesse julgamento.

Assim que o júri se recuperou do choque da queda, e as tabuletas e gizes foram encontrados e devolvidos a cada um deles, começaram a trabalhar com afinco no relato do acidente, com exceção do Lagarto, que parecia abalado demais para fazer qualquer coisa a não ser ficar sentado com a boca aberta, olhando para o teto do tribunal.

— O que você sabe sobre esse caso? — perguntou o Rei para Alice.

— Nada — garantiu a menina.

— Nada *mesmo*? — insistiu o Rei.

— Nadinha — respondeu Alice.

— Isso é muito importante! — afirmou o Rei, virando-se para o júri.

Eles já iam começar a escrever isso em suas tabuletas, quando o Coelho Branco interrompeu, dizendo, com muito respeito, mas franzindo a testa e fazendo careta enquanto falava.

— *Des*importante, Vossa Majestade quer dizer, é claro.

— *Des*importante! É isso mesmo que eu quis dizer! — disse o Rei rapidamente. E continuou, falando mais baixo, consigo mesmo — importante... desimportante... importante... desimportante... — como se estivesse testando as palavras para ver qual soava melhor.

Alguns dos jurados escreveram "importante"; outros, "desimportante".

Alice podia ver muito bem porque estava perto o suficiente para dar uma olhadela nas tabuletas. E pensou consigo mesma: "Mas isso não tem o menor cabimento..."

Nesse momento, o Rei, que estivera um tanto quanto ocupado com umas anotações que vinha fazendo num pequeno livro, bradou:

— Silêncio!

E começou a ler algo que estava escrito no livro:

— Regra 42: *Todas as pessoas com mais de um [illegible] e meio de altura devem se retirar do tribunal!*

Todo mundo olhou para Alice.

— Mas eu *não tenho* um quilômetro e meio de altura — disse a menina.

— Tem sim! — assegurou o Rei.

— Na verdade, quase três [illegible] — completou a Rainha.

— Mas, seja como for, não vou sair daqui [illegible] Alice. — Além do mais, esta é uma regra que você [illegible] de inventar.

— Não. Esta é a regra mais antiga do livro — disse o Rei.
— Então deveria ser a Regra 1 — rebateu Alice.
O Rei ficou pálido e fechou seu livro rapidamente.
— E qual é o veredito?— perguntou para o júri com voz baixa e trêmula.
— Se me permite, Majestade, existem mais provas a serem examinadas — acrescentou o Coelho Branco, muito apressado, dando um salto à frente. — Esse papel acaba de chegar até minhas mãos.
— O que há nele? — perguntou a Rainha.
— Ainda não o abri — disse o Coelho Branco. — Mas parece ser uma carta escrita por um prisioneiro para... para alguém.
— Isso, com toda certeza — disse o Rei. — A menos que tenha sido escrita para ninguém, o que não é muito comum, como sabem.
— A quem é destinada? — perguntou um dos membros do júri.
— A ninguém — respondeu o Coelho Branco. — Na verdade, não há nada escrito do lado de fora.
Enquanto falava, desdobrou o papel e acrescentou:
— Ora, mas não se trata de uma carta, afinal: são versos.
— Estão escritos com a letra do prisioneiro? — questionou outro jurado.
— Não — garantiu o Coelho Branco —, e isso é o mais estranho.
(O júri ficou perplexo.)
— Ele deve ter imitado a letra de alguém — supôs o Rei.
(O júri tranqüilizou-se novamente.)
— Por favor, Majestade — suplicou o Valete —, eu não escrevi nada disso, e ninguém pode provar o contrário: não há nenhuma assinatura no final.
— Se você não assinou — disse o Rei — isso *só* piora a situação. Você deveria estar mal-intencionado, ou então teria assinado, como qualquer homem honesto.
Nessa hora, houve uma explosão de aplausos, pois era a

primeira coisa realmente inteligente que o Rei tinha dito naquele dia.

— E isso *prova* que ele é culpado — concluiu a Rainha

— Isso não prova nada! — interferiu Alice. — Ora, vocês nem ao menos sabem o que está escrito!

— Pois então leia — ordenou o Rei.

O Coelho Branco colocou seus óculos e perguntou.

— Por onde devo começar, Majestade?

— Comece pelo começo — respondeu o Rei, muito sério — E vá até o fim. Quando terminar, pare.

Esses eram os versos:

Soube que com ela estivestes,
Depois de a ele me delatar,
E que ela me elogiou,
Mas disse que não sei nadar.

Ele disse que eu não mais iria,
(mentira, não pode ser)
Se ela a menos imaginasse,
O que poderia acontecer?

Dei um a ela e dois a ele.
Tu nos deste três dos seus;
Os dele, a você retornaram,
Mas antes foram meus.

E se envolvidos estivermos,
Nessa grande confusão,
Confiamos em você,
Para nos livrar da prisão

Para mim, você sempre foi
(mesmo antes do ataque atroz)
Um perigoso obstáculo,
Entre ele, ela e nós

Que ela gostou mais deles,
Ele não soube, enfim.
Fique isso em segredo
Entre você e mim.

— Esse foi o depoimento mais importante que ouvimos até agora — ponderou o Rei, esfregando as mãos. — Portanto, agora deixemos que o júri...

— Dou um doce para quem conseguir explicar esses versos — prometeu a menina (ela tinha crescido tanto nos últimos minutos que não tinha mais medo de enfrentá-los). — Pois não vejo os versos.

Todos os jurados foram logo anotando nas suas tabuletas "Ela não vê nenhum sentido neles". Mas ninguém tentou explicar os versos.

— Se eles não fazem nenhum sentido — disse o Rei — isso nos poupa um trabalho enorme, porque não precisamos encontrar sentido algum. Além do mais, não estou bem certo, mas... — e prosseguiu, abrindo os versos sobre os joelhos, e olhando para eles com apenas um dos olhos — parece que vejo algum sentido neles, afinal. Vejamos: *Disse que não sei nadar*.... Você não sabe nadar, não é mesmo? — acrescentou, voltando-se para o Valete.

O Valete sacudiu a cabeça, com tristeza, e disse:

— E pareço saber?

(E realmente *não* parecia, pois era todo feito de cartolina.)

— Pois bem... Até aqui, faz sentido — observou o Rei. E prosseguiu, repetindo os versos para si mesmo: *Mentira, não pode ser*... só pode ser o júri, é claro... *Se ela ao menos imaginasse*... deve estar se referindo à Rainha... *O que poderia acontecer?*... posso imaginar o que aconteceria... *Dei um a ela e dois a ele*... bem, isso deve ser o que fizeram com as tortas, é...

— Mas continua assim: *Os dele, a você retornaram* — acrescentou Alice.

— Ora, aqui estão! — apontou o Rei, triunfantemente,

para as tortas que estavam sobre a mesa. — Nada pode ser mais evidente do que *isso*. — Prosseguindo: — *Mesmo antes do ataque atroz*.... Você nunca sofreu um ataque *atroz*, não é mesmo querida? — perguntou à Rainha.

— Nunca! — respondeu a Rainha, furiosa, arremessando um tinteiro no Lagarto enquanto falava.

(O coitado do Bill tinha parado de escrever na tabuleta com o dedo assim que descobriu que dedo não deixa marcas.

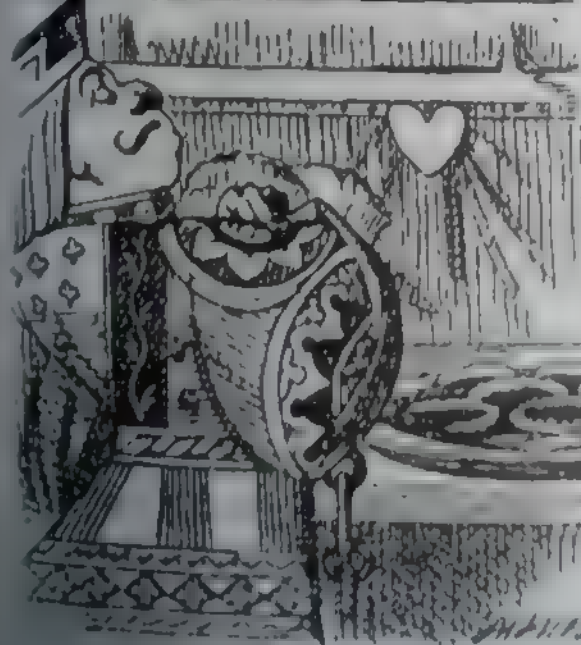
Mas agora começara a escrever de novo, muito apressado, para aproveitar a tinta que escorria na cara dele.)

— Então, essas palavras é que são um *ataque*! — disse o Rei, olhando em volta, dando um sorriso.

Fez-se um silêncio mortal.

— É um trocadilho! — acrescentou o Rei, irritado.

E todos riram.

— Que o júri apresente seu veredito — repetiu o Rei, provavelmente pela vigésima vez naquele dia.

— Não, não! — interrompeu a Rainha. — A sentença, primeiro; depois, o veredito.

— Mas que idiotice! — bradou Alice em voz alta. — A sentença nunca vem antes do veredito!

— Modere sua língua! — ordenou a Rainha, roxa de raiva.

— A boca é minha — retrucou Alice.

— Cortem-lhe a cabeça! — gritou a Rainha o mais alto que podia. Ninguém se moveu.

— Quem se importa com vocês? — disparou Alice (que já tinha voltado ao seu tamanho normal). — Vocês não passam de cartas de baralho!

Ouvindo isso, o baralho todo se levantou no ar e veio voando para cima dela. Alice soltou um gritinho, meio de medo e meio de raiva, e tentou se defender, dando tapinhas nas cartas. Mas descobriu que estava deitada perto da margem do rio, com a cabeça no colo da irmã, que carinhosamente tirava algumas folhas secas que tinham voado das árvores e caído no rosto dela.

— Acorde, Alice querida! — solicitou sua irmã. — Puxa, como você dormiu pesado!

— Nossa, tive um sonho tão esquisito! — contou Alice e relatou à sua irmã tudo o que conseguia lembrar sobre essas aventuras estranhas que você acabou de ler.

E quando ela terminou, sua irmã lhe deu um beijo, e observou:

— Foi mesmo um sonho muito interessante, querida. Mas, agora, vá correndo tomar o seu chá, que já está ficando tarde.

Então, Alice se levantou e saiu correndo. E enquanto corria, o mais depressa que podia, pensava em como o sonho tinha sido maravilhoso.

Sua irmã permaneceu ali, sentada, com a cabeça apoiada na mão, assistindo ao pôr-do-sol e pensando sobre a pequena Alice e todas aquelas aventuras maravilhosas. Até que ela também começou a sonhar, e este foi o sonho que ela teve:

Primeiro, sonhou com a própria Alice. Mais uma vez viu a menina sentada com as mãozinhas apertando os joelhos, e os

olhos brilhantes e impacientes fitando os seus... Podia até ouvir o tom da voz dela, e ver aquele [illegible] para afastar as mechas de cabelo que lhe caíam nos olhos. E enquanto ela ouvia, ou imaginava ouvir, toda a paisagem à sua volta parecia ganhar vida com as estranhas criaturas que povoaram o sonho da irmã.

A grama crescida se agitou sob seus pés quando o Coelho Branco passou apressado... O Rato assustado espirrou água

para todo lado ao nadar na poça d'água ali perto. Ela pôde ouvir o tinir das xícaras enquanto a Lebre de Março e seus amigos compartilhavam seu chá interminável, e a voz estridente da Rainha condenando seus infelizes convidados à execução. Uma vez mais, o porco-bebê espirrou no colo da Duquesa, enquanto travessas e pratos se espatifavam ao redor. Uma vez mais o guincho do Grifo, o ranger do giz do Lagarto e a sufocação dos porquinhos-da-índia impregnavam o ar, misturados aos soluços longínquos da pobre Tartaruga Falsa.

Então, ficou sentada ali, com os olhos fechados, e quase acreditando estar mesmo no País das Maravilhas. Mas sabia que bastava abrir os olhos para que tudo voltasse à realidade enfadonha: a grama se agitaria somente pelo vento; as águas da poça se ondulariam apenas pelo remexer dos bambus soprados pela brisa; o tinido das xícaras se transformaria no soar dos sinos das ovelhas; e os gritos estridentes da Rainha, na voz do pastorzinho. O espirro do bebê, o guincho do Grifo, todos os outros sons estranhos se transformariam (ela bem sabia) no barulho que vinha da fazenda vizinha... Enquanto os mugidos do gado ao longe tomariam o lugar dos soluços tristes da Tartaruga Falsa.

Finalmente, ficou imaginando como seria aquela mesma irmãzinha no futuro, quando fosse adulta, e como conservaria, em sua idade mais madura, o coração simples e amoroso de sua infância. E como reuniria em sua volta tantas outras crianças, e faria seus olhinhos curiosos brilharem com muitas histórias estranhas, talvez até com a mesma história do País das Maravilhas — um sonho de um tempo tão distante! E como reagiria diante das tristezas mais contidas dessas crianças, e como se sentiria feliz com as alegrias mais singelas de seus coraçõezinhos, lembrando sua própria infância e aqueles dias felizes de verão.

🕮

Lewis Carroll

*As Aventuras de Alice no País das Maravilhas** são fantasias oníricas e lúdicas sobre a realidade e a linguagem. Explorando a aparente ausência de sentido em sentenças gramaticalmente corretas, Carroll foi um dos pioneiros na pesquisa de uma nova ciência do discurso, por meio da simbolização.

Charles Lutwidge Dodgson nasceu em Daresbury, Cheshire, Inglaterra, em 27 de janeiro de 1832. Estudou no colégio Christ Church, na Universidade de Oxford, e ali ensinou entre 1855 e 1888. Foi nomeado diácono da Igreja Anglicana em

* Como foi traduzido em algumas edições brasileiras. (N. do E.)

1861, mas considerava-se "praticamente um leigo" no fim da vida. Seus interesses múltiplos incluíam a lógica, a matemática, a poesia, a narrativa ficcional e a fotografia, da qual chegou a ser considerado um dos mestres da época vitoriana. Como fotógrafo amador, fixou as imagens de vários contemporâneos, mas destacou-se sobretudo nas fotos de meninas.

Uma de suas modelos foi Alice Liddell, filha de um amigo, o deão Henry George Liddell, e que se tornaria a heroína de suas obras mais famosas, *Alice's Adventures in Wonderland* (1865; *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*) e *Through the Looking Glass and What Alice Found There* (1872; *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*). Os dois livros tiveram extraordinário sucesso na época da publicação e exerceram uma influência avassaladora na posteridade. Aparentemente destinado ao público infantil, na verdade ocultavam questionamentos de toda espécie, lógicos ou semânticos, problemas psicológicos de identidade e até políticos, tudo sob a capa de aventuras fantásticas.

Outras obras de Carroll, como o longo poema cheio de *nonsense*, *The Hunting of the Snark* (1876; *A caça do "cobrarão"*), em que o *snark* (composto de *snake*, "cobra", e *shark*, "tubarão") é um monstro simbólico, e a novela *Sylvie and Bruno* (1889) são também contestações do senso comum. Nesse livro Carroll inventa um relógio que faz o tempo andar para trás e a língua dos cachorros, o "cachorrês". Outras obras poéticas de Carroll, como *Phantasmagoria and Other Poems* (1869; *Fantasmagoria e outros poemas*) e *Rhyme? and Reason?* (1883; *Rima? e razão?*) fazem, por meio de jogos divertidos, indagações sobre a arbitrariedade dos signos dentro da linguagem.

O cruzamento entre a obra ficcional de Carroll e a obra dedicada a problemas lógicos e matemáticos é que trouxe, para a crítica do século XX, um fascínio particular. Com o nome real de Dodgson ele publicou *Euclid and His Modern Rivals* (1879; *Euclides e seus rivais modernos*) e uma *Symbolic Logic* (1896; *Lógica simbólica*), e muitos outros textos

científicos, além de alguns com o nome literário de Carroll, em vários dos quais predomina o gosto pelos paradoxos e pelo *nonsense*. O conjunto desses elementos de lógica e antilógica é que produz o especial sabor de que se reveste a sua obra. Lewis Carroll morreu em Guildford, Surrey, em 14 de janeiro de 1898.

Sumário

Alice no País das Maravilhas

213. Autobiografia
Benjamin Franklin

214. Memórias de Sherlock Holmes
Sir Arthur Conan Doyle

215. O Dever do Advogado / Posse de Direitos Pessoais
Rui Barbosa

216. O Tronco do Ipê
José de Alencar

217. O Amante de Lady Chatterley
D. H. Lawrence

218. Contos Amazônicos
Inglês de Souza

219. A Tempestade
William Shakespeare

220. Ondas
Euclides da Cunha

221. Educação do Homem Integral
Huberto Rohden

222. Novos Rumos para a Educação
Huberto Rohden

223. Mulherzinhas
Louise May Alcott

224. A Mão e a Luva
Machado de Assis

225. A Morte de Ivan Ilicht / Senhores e Servos
Leon Tolstói

226. Álcoois e Outros Poemas
Apollinaire

227. Pais e Filhos
Ivan Turguêniev

228. Alice no País das Maravilhas
Lewis Carroll

229. À Margem da História
Euclides da Cunha

230. Viagem ao Brasil
Hans Staden

231. O Quinto Evangelho
Tomé

232. Lorde Jim
Joseph Conrad

233. Cartas Chilenas
Tomás Antônio Gonzaga

234. Odes Modernas
Anntero de Quental

235. Do Cativeiro Babilônico da Igreja
Martinho Lutero

236. O Coração das Trevas
Joseph Conrad

237. Thais
Anatole France

238. Andrômaca / Fedra
Racine

239. As Catilinárias
Cícero

240. Recordações da Casa dos Mortos
Dostoiévski

241. O Mercador de Veneza
William Shakespeare

242. A Filha do Capitão / A Dama de Espadas
Aleksandr Púchkin

243. Orgulho e Preconceito
Jane Austen

244. A Volta do Parafuso
Henry James

245. O Gaúcho
José de Alencar

246. Tristão e Isolda
Lenda Medieval Celta de Amor

247. Poemas Completos de Alberto Caeiro
Fernando Pessoa

248. Maiakósvski
Vida e Poesia

249. Sonetos
William Shakespeare

250. Poesia de Ricardo Reis
Fernando Pessoa

251. Papéis Avulsos
Machado de Assis

252. Contos Fluminenses
Machado de Assis

253. O Bobo
Alexandre Herculano

254. A Oração da Coroa
Demóstenes

255. O Castelo
Franz Kafka

256. O Trovejar do Silêncio
Joel S. Goldsmith

257. Alice na Casa dos Espelhos
Lewis Carrol

258. Miséria da Filosofia
Karl Marx

259. Júlio César
William Shakespeare

260. Antônio e Cleópatra
William Shakespeare

261. Filosofia da Arte
Huberto Rohden

262. A Alma Encantadora das Ruas
João do Rio

263. A Normalista
Adolfo Caminha

264. Pollyanna
Eleanor H. Porter

265. As Pupilas do Senhor Reitor
Júlio Diniz

266. As Primaveras
Casimiro de Abreu

267. Fundamentos do Direito
Léon Duguit

268. Discursos de Metafísica
G. W. Leibniz

269. Sociologia e Filosofia
Émile Durkheim

270. Cancioneiro
Fernando Pessoa

271. A Dama das Camélias
Alexandre Dumas (filho)

272. O Divórcio / As Bases da Fé / e outros textos
Rui Barbosa

273. Pollyanna Moça
Eleanor H. Porter

274. O 18 Brumário de Luís Bonaparte
Karl Marx

275. Teatro de Machado de Assis
Antologia

276. Cartas Persas
Montesquieu

277. Em Comunhão com Deus
Huberto Rohden

278. Razão e Sensibilidade
Jane Austen

279. Crônicas Selecionadas
Machado de Assis

280. Histórias da Meia-Noite
Machado de Assis

281. Cyrano de Bergerac
Edmond Rostand

282. O Maravilhoso Mágico de Oz
L. Frank Baum

283. Trocando Olhares
Florbela Espanca

284. O Pensamento Filosófico da Antiguidade
Huberto Rohden

285. Filosofia Contemporânea
Huberto Rohden

286. O Espírito da Filosofia Oriental
Huberto Rohden

287. A Pele do Lobo / O Badejo / o Dote
Artur Azevedo

288. Os Bruzundangas
Lima Barreto

289. A Pata da Gazela
José de Alencar

290. O Vale do Terror
Sir Arthur Conan Doyle

291. O Signo dos Quatro
Sir Arthur Conan Doyle

292. As Máscaras do Destino
Florbela Espanca

293. A Confissão de Lúcio
Mário de Sá-Carneiro

295. O Uraguai / A Declamação Trágica
Basílio da Gama

298. A Carteira de Meu Tio
Joaquim Manuel de Macedo

Série Ouro
(Livros com mais de 400 p.)

1. Leviatã
Thomas Hobbes

2. A Cidade Antiga
Fustel de Coulanges

3. Crítica da Razão Pura
Immanuel Kant

4. Confissões
Santo Agostinho

5. Os Sertões
Euclides da Cunha

6. Dicionário Filosófico
Voltaire

7. A Divina Comédia
Dante Alighieri

8. Ética Demonstrada à Maneira dos Geômetras
Baruch de Spinoza

9. Do Espírito das Leis
Montesquieu

10. O Primo Basílio
Eça de Queirós

11. O Crime do Padre Amaro
Eça de Queirós

12. Crime e Castigo
Dostoiévski

13. Fausto
Goethe

14. O Suicídio
Émile Durkheim

15. Odisséia
Homero

16. Paraíso Perdido
John Milton

17. Drácula
Bram Stocker

18. Ilíada
Homero

19. As Aventuras de Huckleberry Finn
Mark Twain

20. Paulo – O 13º Apóstolo
Ernest Renan

21. Eneida
Virgílio

22. Pensamentos
Blaise Pascal

23. A Origem das Espécies
Charles Darwin

24. Vida de Jesus
Ernest Renan

25. Moby Dick
Herman Melville

26. Os Irmãos Karamazov
Dostoiévski

27. O Morro dos Ventos Uivantes
Emily Brontë

28. Vinte Mil Léguas Submarinas
Júlio Verne

29. Madame Bovary
Gustave Flaubert

30. O Vermelho e o Negro
Stendhal

31. Os Trabalhadores do Mar
Victor Hugo

32. A Vida dos Doze Césares
Suetônio

34. O Idiota
Dostoiévski

35. Paulo de Tarso
Huberto Rohden

36. O Peregrino
John Bunyan

37. As Profecias
Nostradamus

38. Novo Testamento
Huberto Rohden

39. O Corcunda de Notre Dame
Victor Hugo

40. Arte de Furtar
Anônimo do século XVII

41. Germinal
Emile Zola

42. Folhas de Relva
Walt Whitman

43. Ben-Hur — Uma História dos Tempos de Cristo
Lew Wallace

44. Os Maias
Eça de Queirós

45. O Livro da Mitologia
Thomas Bulfinch

46. Os Três Mosqueteiros
Alexandre Dumas

47. Poesia de Álvaro de Campos
Fernando Pessoa

48. Jesus Nazareno
Huberto Rohden

49. Grandes Esperanças
Charles Dickens

50. A Educação Sentimental
Gustave Flaubert

51. O Conde de Monte Cristo (Volume I)
Alexandre Dumas

52. O Conde de Monte Cristo (Volume II)
Alexandre Dumas

53. Os Miseráveis (Volume I)
Victor Hugo

54. Os Miseráveis (Volume II)
Victor Hugo

55. Dom Quixote de La Mancha (Volume I)
Miguel de Cervantes

56. Dom Quixote de La Mancha (Volume II)
Miguel de Cervantes

58. Contos Escolhidos
Artur Azevedo

59. As Aventuras de Robin Hood
Howard Pyle

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll

TEXTO INTEGRAL

Este livro é uma das mais famosas obras-primas da literatura universal destinada ao público infantil.

Alice no País das Maravilhas (1865) são fantasias oníricas e lúdicas sobre a realidade e a linguagem. Explorando a aparente ausência de sentido em sentenças gramaticalmente corretas, Lewis Carroll foi um dos pioneiros na pesquisa de uma nova ciência do discurso, por meio da simbolização.

Aparentemente destinada às crianças, na verdade oculta questionamentos de toda espécie, lógicos ou semânticos, problemas psicológicos de identidade a até políticos, tudo sob a capa de aventuras fantásticas.

Esta edição apresenta as famosas ilustrações originais, criadas por John Tenniel.